





*Este Livro foi comprado por D. João
Este Livro he da Monarchia de*

Abastencia que se comprou no Pedregal a 20 de

Julho do anno de 1843 que me custou

25000 *Este Livro nao se per-
tence a Abastencia*

ELOGIO

DE

D. FRANCISCO XAVIER
MASCARENHAS.

DESILLAGO.



Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

ELOGIO

DE

D. FRANCISCO XAVIER
MASCARENHAS,

*Cavalleiro Professo na Ord. de Christo, Coronel,
que foy de hum dos Regimentos da Marinha,
e Commandante da Esquadra, que em o anno
de 1740. foy para o Estado da India, com
Patente de Sargento mór de Batalha.*

ESCRITO, E DEDICADO

A^o ILLUSTRISSIMA, E EXCELLENTISSIMA SENHORA

CONDESSA
DES. TIAGO,

POR FRANCISCO JOZE' FREIRE.



L I S B O A :

Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.

M. DCC. XLII.

Com as licenças necessarias.

EL OGLIO

DE

FRANCISCO XAVIER

MISCAHEMIA

Compendio de la doctrina de la Cruzada, y de la
que se ha de observar en el cumplimiento de ella,
con el fin de que los que se destinan para ella,
sepan lo que se ha de observar en el cumplimiento
de ella, y lo que se ha de observar en el cumplimiento

ESCRITO, E DEDICADO

AL REVERENDISIMO PADRE DON FRANCISCO DE SAN JUAN

CONDESSA

DE SANTIAGO

Por Francisco José Ferrás



L I B R O

En la imprenta de San Juan de los Rios de Madrid

M D C C L X

En la imprenta de San Juan de los Rios de Madrid

A' ILLUSTRISSIMA,
E EXCELLENTISSIMA SENHORA
CONDESSA
DE
S. TIAGO,

FRANCISCO JOZE FREIRE

deseja toda a felicidade.

OFFERECO A
*V. Excellencia neste breve
Elogio as mais recomenda-
veis*

veis acçoens da incomparavel vida do Senhor D. Francisco Xavier Mascarenhas. Naõ he este offerecimento obsequio, he obrigação, porque sem escandalo de todos naõ podia eu deixar de dedicar a V. Excellencia o Elogio de hum Cavalhero, de quem V. Excellencia muitas vezes he Irmaã, se igualmente com o sangue se attender às virtudes. Neste breve papel lerá V. Excellencia aquellas rariſſimas acçoens,

çoens, com que o Senhor D.
Francisco Xavier Mascarenhas não menos se fez digno da Patria, que do Ceo; e seraõ estas as que unicamente poderaõ enxugar as lagrimas, que V. Excellencia derrama pela sua morte com tanto excesso, que nos dà de amor, e saudade hum novo exemplo. A grandeza deste pranto, acompanhada de huma gloriosa discriçaõ das virtudes de V. Excellencia pertenderiaõ muitos,

tos, que eu nesta carta elogiasse; porém advertido huma, e outra cousa hey de involver no silencio; as lagrimas, por ser cousa impossivel, as virtudes, porque tratando do Senhor D. Francisco no Elogio as escrevo: o que eu pertendo he, que a natural benignidade de V. Excellencia aceite este papel como effeito do meu zelo, considerando, que se este não fosse, talvez succederia, que as grandes acçoens do Senhor

203

nhor

nhor D. Francisco Xavier Mascarenhas passassem às idades vindouras, não menos diminutas, que confusas; quando lhes não succedesse verem-se injuriosamente pelos seculos ingratos sepultadas no esquecimento. Não seria o Senhor D. Francisco Xavier Mascarenhas o primeiro, que padecesse esta injuria, porque não poucos Portuguezes verdadeiramente Heroes, ainda no eterno silencio justamente clamaõ de

verem as suas memorias
tratadas com huma avare-
za, ou taõ invejosa, ou taõ
ignorante, que nem huma
breve inscripção lemos nos
seus sepulchros. Naõ só ro-
go a V. Excellencia, que
me aceite o zelo, com que
intentey este Elogio, senãõ
que igualmente me desculpe
a humildade do estilo, com
que o compuz, consideran-
do tambem, que as glorio-
sas acçoens do Senhor D.
Francisco Xavier Mas-
carenhas saõ taõ difficul-
tosas

*tosas a escrever dignamen-
te, como a imitar. A Pes-
soa de V. Excellencia guar-
de Deos por dilatados an-
nos.*

Criado de V. Excellencia.

Francisco Jozè Freire.

LICENÇAS

Do Santo Officio.

O Padre D. Caetano de Gouvea, Qualificador do Santo Officio veja o papel, de que trata a petição, e informe com seu parecer. Lisboa 18. de Outubro de 1742.

*Fr. R. Alancastro. Teixeira. Sylva.
Soares. Abreu.*

Approvação do M. R. Padre D. Caetano de Gouvea, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI, como V. Eminencia me ordenou, o Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas, escrito por Francisco Jozè

Jozè Freire , e admirando as grandes virtudes , que fizeraõ a D. Francisco mais illustre , do que o havia feito o nascimento , ainda que illustrissimo , vejo que estaõ referidas com toda a elegancia , e com toda a decencia , que lhes saõ devidas. Ha muitos seculos , que a grande Familia de Mascarenhas he fecundissima em Varoens eminentes , que por meyo de acçoens heroicas se fizeraõ benemeritos da mais gloriosa fama ; porèm D. Francisco naõ só foy heroico imitador de seus preclarissimos Mayores no valor , e sciencia militar , mas teve a gloria de os exceder pelo exercicio das virtudes Christaãs , que praticou taõ perfeitamente , como se naõ vivesse no mundo , mas no retiro de hum Claustro. Na Historia secular deste Reyno se verá , que elle os soube imitar , e na *Lusitania Sacra* , que os soube exceder ; e como este Elogio , pelo bem que está escrito , he digno monumento de conservar para huma , e outra Historia taõ preciosas memorias , tambem o he , de que V. Eminencia dê licença para se fazer publico , pois naõ contèm cousa alguma contra a Fè , e
bons

bons costumes. Lisboa nesta Caza de N. S. da Divina Providencia de Clerigos Regulares 29. de Outubro de 1742.

D. Caetano de Gouvea, C. R.

Vista a informaçãõ, pòde-se imprimir, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual naõ correrà. Lisboa 2. de Novembro de 1742.

Fr. R. Alancastro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.

Do Ordinario.

O Padre D. Jozè Barbosa veja o papel, de que trata a petição, e informe com seu parecer. Lisboa 5. de Novembro de 1742.

Sylveira.

Approvaçãõ do M. R. Padre D. Jozè Barbosa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das tres Ordens Militares, e Synodal do Patriarchado.

V Senhoria me ordena, que diga o meu parecer sobre o Elogio, que Francisco Jozè Freire fez à memoria de D. Francisco Xavier Mascarenhas. Conheci, e tratey ao Heroe deste Panegyrico, e conheço o Autor, e fazendo deffinteressadamente juizo, taõ excellentes acçoens mereciaõ taõ excellente penna. Por esta razaõ chamarey a ambos felices, a hum pelas acçoens, que obrou, a outro porque as escreve; de sorte, que pó-

póde competir com o valor, e com a piedade de D. Francisco Xavier Mascarenhas a elegancia de Francisco Jozè Freire. Quem ler este papel deverá à viveza, com que o Autor representa as memoraveis acçoens do seu Heroe, a natural saudade, que precisamente ha de causar a falta de hum homem taõ digno de mais dilatada vida, como D. Francisco Xavier Mascarenhas, pois dando-lhe a natureza hum nascimento taõ illustre, era tanta a sua humanidade, que naõ fazendo nunca aquella costumada, e sempre aborrecida differença, que vemos usar com os inferiores os da sua grandeza, de todos se mostrava o menor, como continuamente se observava nos exercicios, que fazia aos Soldados, porque dizendo-lhes algumas palavras asperas nas occasioens, em que reprehendia em muitos a rudeza da percepçaõ, lhes pedia depois perdaõ com termos taõ humildes, e na severa opiniaõ de alguns, taõ improprios, já da pessoa, já da occupaçaõ, que os deixava naõ só admirados, e confusos, mas taõ obrigados, que o seguirãõ como fieis, e valerosos companheiros ao Esta-

do da India. Nella podia esperar este Reyno, que desempenhasse D. Francisco Xavier Mascarenhas o valor dos do seu Apellido, que foy taõ fecundo de Varoens grandes, e foraõ tantos os que dilatáraõ a gloria Portugueza com as armas, que sendo a mayor parte dos Titulos o premio das acçoens heroicas, a grande Arvore da Familia dos Mascarenhas, entre os que houve, e entre os que hoje existem, se vio coroadã com treze Titulos de Marquezes, e Condes. Foy D. Francisco Xavier Mascarenhas hum Fidalgo da mayor esféra de Portugal, e naõ fazendo caso de toda essa grandeza, deveo a ti o fazerse incomparavelmente mayor, como quem sabia, que o nascer grande naõ dependeo da sua eleiçaõ, mas que o fazerse grande pelas suas obras, era acçaõ verdadeiramente sua, porque naõ participava, nem dependia do merecimento alheyo. Navegou de Lisboa para o Estado da India, deseioso de desaggravar com a sua espadã, e com os seus estudos militares as Armas Portuguezas, restaurando aquellas terras, em que em outro tempo estabelecera Marte o seu

tro-

trono , e em que florecerãõ homens taõ grandes , que os naõ soube fingir iguaes todo o encarecimento da lizonja. Assim o começou a ver aquelle Estado no valor, com que se ganhou a Fortaleza da Ilha de Corquem , que estava presidiada de Soldados taõ déstros , e valerosos , que naõ cedendo aos da Europa na disciplina , cederaõ ao pequeno Exercito dos Portuguezes , porque os animava o espirito militar de D. Francisco Xavier Mascarenhas , que attento ao serviço da Patria , e à gloria da Naçaõ , servio como General de Batalha , naõ querendo arriscar a felicidade da acçaõ com as disputas , que podia , e devia fundar na superioridade da sua Patente. Este he o verdadeiro brio atropellar o interesse proprio em obsequio do interesse commum. Mudou D. Francisco Xavier Mascarenhas de terra , naõ mudou de vida , porque naõ reparando na differença dos climas , continuou nos mesmos exercicios com desprezo da saude , que attenuada com o trabalho da guerra , com os incommodos da mais dilatada viagem , que fizeraõ até agora as Armadas Portuguezas , e com

as penitencias, com que se preparava para o Ceo, adoeceo mortalmente, e lembrando-se de que em Santarem devèra o nascimento à piedosa intercessão de São Francisco Xavier, ordenou que o seu corpo esperasse a resurreição universal ao pé do Altar do mesmo Santo; para que as cinzas de hum Soldado, mais de Christo, que do Estado, descansassem junto aos despojos mortaes do General Apóstolico de todo o Oriente. E sendo D. Francisco Xavier Mascarenhas tão benemerito da sua fama pelo valor, não o foy menos pela sua generosissima piedade, de que este Elogio faz verdadeira, larga, e discreta narração. O Autor merece toda a estimação, porque com este papel serve à Patria, eternizando com a sua pena a memoria de hum Fidalgo, que pôde servir de exemplar a todos os estados de pessoas, porque vivendo no seculo, praticou as virtudes, como se vivera no Claustro mais reformado, o que faz com estylo tão grave, tão alto, e tão adornado de excellentes pensamentos, que excedendo o que se devia esperar dos seus poucos annos, chega aonde não chegáraõ

raõ outros de mais provecta idade , por-
que a delicadeza do juizo naõ he conse-
quencia dos annos. Este Elogio me pa-
rece dignissimo da licença , que se pede
para se imprimir , porque naõ contèm
coufa alguma contra a nossa Santa Fè ,
ou bons costumes. Lisboa nesta Caza
de N. Senhora da Divina Providencia
de Clerigos Regulares 6. de Novembro
de 1742.

D. Jozè Barboza , C. R.

POde imprimir-se, e depois torne para
se conferir , e dar licença para correr,
sem a qual naõ correrà. Lisboa 9. de No-
vembro de 1742.

Sylveira.

Do Paço.

M Anda El-Rey nosso Senhor, que Martinho de Mendouça de Pina e Proença, Concelheiro do Conselho Ultramarino veja o papel, de que trata a petição, e com seu parecer o remeta a esta Meza. Lisboa 20. de Novembro de 1742.

Pereira. Teixeira. Cardeal.

Approvação de Martinho de Mendouça de Pina e Proença, Concelheiro do Conselho Ultramarino, Guarda mór da Torre do Tombo, e Censor da Academia Real da Historia Portugueza.

S E N H O R.

O Elogio de Dom Francisco Xavier Mascarenhas julgo muitas vezes dignissimo, de que se publique, assim para se perpetuar a memoria deste Illustre Cavalhero, como para inculcar com o seu

seu exemplo muitas das solidas virtudes, que teve, as quaes por menos apparatus são pouco usadas neste seculo, ainda que forão o fundamento, com que os Generaes Gregos, e Romanos fizeraõ tremer a cerimoniaosa pompa dos Monarchas Aziaticos; este he o meu parecer, V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa ultimo de Novembro de 1742.

Martinho de Mendoça de Pina e Proença.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressõ tornarà á Meza para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa 20. de Dezembro de 1742.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

Visto estar conforme com o seu original, póde correr. Lisboa 8. de Janeiro de 1743.

*Fr. R. Alancastro. Teixeira. Sylva.
Soares. Abreu. Amaral.*

PO'de correr. Lisboa 9. de Janeiro de 1743.

Dantas.

Que possã correr, e taxaõ em 240. reis. Lisboa 10. de Janeiro de 1743:

Pereira. Teixeira.

ADVER.

ADVERTENCIA

necessaria a quem ler.

LEITOR: sahe à luz o Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas , e sahe certamente sem aquelle temor , que nos seus prologos dão a ler muitos Escritores ; porque se fores pio , estou seguro , que has de disfarçar as muitas imperfeicoens , que nelle se encontraõ , nascidas assim dos meus poucos annos , como de ser a primeira composaçãõ , com que na lingua materna appareço em publico. O motivo , que te ha de obrigar a este piedoso disfarce he a consideraçãõ do beneficio , que fiz à Patria , ou seja porque com este Elogio dou a ler a todo o genero de pessoas huma rarissima , e perfeita idéa para se adornarem das mayores virtudes , ou

§§§§

por-

porque a desagravo da commua
nota de esquecida em fazer publi-
cas as recomendaveis acçoens de
seus benemeritos filhos. Se fores
malevolo (nesta parte fallo com
muitos) sabe que tenho hum ani-
mo taõ socegado , que hey de ou-
vir a tua critica , ou invejosa , ou
ignorante com o mesmo socego ,
que tivera, se ouvira louvores. Sem-
pre nestas occasioens me lembra
o desprezo da Lua contra aquelle
caõ , que muitas vezes irracional
a pertendia com os seus latidos of-
fender. Porèm naõ he este o mo-
tivo , que me fez pegar na penna
para te fazer esta advertencia ; he
sim para te informar , quem foraõ
as pessoas , que me deraõ as noti-
cias , que organizaõ o corpo des-
te Elogio , para que se fores pio,
conheças o zelo , com que qui-
zeraõ servir à Patria perpetuando
as grandes acçoens deste Cavalhe-

ro ;

ro; e se entrares no sempre aborrecido numero dos malevolos, e a caso duvidares da verdade, com que escrevo, possas buscar as ditas pessoas para igualmente te certificares, e confundires. Primeiramente os que me deraõ noticias dos virtuosos progressos da puericia de Dom Francisco Mascarenhas foraõ Joaõ de Loureiro, e Joaõ Esteves assistentes em Santarem, pessoas de conhecida verdade, e em outro tempo criados graves da Caza de Fronteira. O Reverendo Doutor Antonio Duarte de Sequeira, Sacerdote adornado de todas as virtudes dignas do seu caracter me comunicou as noticias, no que respeita aos muitos actos de virtude, dos quaes foy testemunha de vista pela grande familiaridade, com que pelo dilatado espaço de vinte e cinco annos tratou a este Cavalhero.

bastião Alvares de Andrade, Sargento mór do Regimento, de que Dom Francisco Mascarenhas foy Coronel, pessoa acreedora de toda a veneração, ou se attenda à sua verdade, ou aos seus merecimentos, concorreo com tudo o que pertence à milicia, e caridade, que usava com os Soldados, que elle muitas vezes presenciou. A hum carta do Padre Alexandre Cabral da Companhia de JESUS devo algumas noticias, do que obrou na viagem para a India, para onde tambem hia este mesmo Religioso. Outras pessoas fidedignas, que naquella occasião foraõ na mesma não, depuzeraõ como testemunhas de vista as acçoens, que refiro tratando da viagem. Ao Padre João Antunes, Religioso da Companhia de JESUS, que ultimamente veyo de Goa, e agora vay para Procurador Geral na Curia Romana devem

vem estas memorias particular obrigação, pois me comunicou tudo, o que pertence à India, e à expulsaõ do inimigo: estas mesmas noticias sem discrepancia alguma ouvi das bocas de algumas pessoas, e li em cartas de outras, que juntamente se acharaõ naquella acçaõ. Ultimamente quanto refiro da sua doença, e morte, copiey fielmente de duas cartas, que escreveo de Goa, huma à Condesa de S. Tiago, outra a sua filha D. Maria Isabel de Menezes, o Padre Jacinto Simoens da Companhia de JESUS, que lhe assistio em todo aquelle tempo, cujas cartas, como as mais das noticias, devo ao referido Padre Antonio Duarte de Sequeira, que com diligencia incessante se tem mostrado o mais empenhado para a publicação desta obra. Estas são as pessoas, que zelosas da Patria, e das

vir-

virtudes deraõ os fundamentos
para se levantar à gloriosa memo-
ria de D. Francisco Xavier Mascarenhas este perduravel Templo;
zelo que debes agradecer , co-
mo eu , com hum agradecimen-
to taõ necessario , como mereci-
do.

Vale.

PRO-

PROTESTAÇÃO

Tudo quanto escrevemos neste papel sojeitamos humildemente à censura da Santa Madre Igreja Romana, como filho obediente.

ELOGIO

D E

D. FRANCISCO XAVIER
MASCARENHAS.

QUE justificadas são as queixas, que fazemos da morte, quando barbaramente se conspira contra aquellas grandes Almas, a quem as raras acçoens deraõ entrada no Templo da immortalidade gloriosa! Estes Varoens eminentes, e não aquelles homens, que só deixaraõ de huma vida sem nome dilatada materia para o esquecimento, he que unicamente são dignos de lagrimas queixosas. Não devem ser chorados aquelles, que sempre se occuparaõ em servir à ocio-

A

fida-

fidade, porque a mesma campã, que lhes esconde o corpo, primeiro lhes sepulta a memoria; só aquelles Varoens, a quem o exercicio das acçoens gloriosas fez distintos no mundo, são mercedores do publico sentimento, porque a sua morte he fatal origem de huma perda commua. Este golpe he de tal modo penetrante, que nem a Filosofia Estoica achou balsa-mo, nem o incessante gyro dos seculos descobrio remedio para o curar; antes quanto mais estes insensivelmente passaõ, mais se aggrava esta ferida: como toda a causa de taõ grande mal vem da Fama, tem della a mesma propriedade; este monstro, quanto mais vòa, mais forças adquire. Sempre Portugal foy o Reyno, a quem penetrãõ mais vivamente estes golpes, porque sempre foy o Teatro mais veneravel daquelles Heroes, que naõ sey, se ainda imaginados poderiaõ ser maiores. Naõ he preciso nomeallos, porque entre nós os conta a veneraçã, entre os estranhos a inveja. Novamente experimentou esta sensivel fatalidade, quando
em

em 10. de Julho de 1742. recebeo a infausta noticia, de que em o Estado da India roubára a inveja da morte na pessoa de D. Francisco Xavier Mascarenhas ao seu respeito o Soldado mais benemerito, à virtude o exemplar mais perfeito, e à sua nobilissima Familia o Mascarenhas mais illustre. Deste grande Varaõ digno de larga escritura escreverey hum breve Elogio, que servirá a Portugal de perduravel incentivo para chorar com agradecidas lagrimas a perda de taõ benemerito filho, que possuío todas aquellas virtudes, que póde chegar a inventar a mais desordenada lizonja.

Da Illustrissima Caza dos Marquezes da Fronteira, Condes da Torre foy D. Francisco Xavier Mascarenhas glorioso descendente. He esta Familia de taõ calificada ancianidade na veneraçã Genealogica, que todos os séculos da Monarchia Portugueza saõ livros successivos da sua nobreza; pois já no tempo de El-Rey D. Sancho I. de Portugal era senhor do lugar de Mascarenhas na Provincia da

Beira Estevaõ Rodrigues, hum dos principaes Cavalheros, que acompanhando ao dito Rey nas conquistas contra os Mouros, principalmente na famosa tomada de Elvas, e Torres-novas, fez com a gloria de valeroso mais respeitada a sua Nobreza.

Logra esta Caza a Varonia de Mascarenhas por descender legitimamente de D. Manoel Mascarenhas, Commendador, e Senhor do Rosmaninhal, e Governador de Arzilla em Africa, onde deixou com a vida honrosa memoria, filho quarto de D. Fernaõ Martins Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes dos Senhores Reys D. Joaõ II. e de D. Manoel; e de sua mulher D. Violante Henriques. Cazou D. Manoel Mascarenhas com D. Leonor Henriques, Senhora da Gocherã, e Torre, filha de Francisco Palha, Fidalgo da Caza del-Rey D. Joaõ III. Alcaide mór da Fronteira, e de sua mulher D. Maria de Souza. Nasceo deste matrimonio

D. Fernaõ Mascarenhas, Commendador do Rosmaninhal, o qual seguindo a mi-

a milicia morreo valerosamente em Africa, e cazou com D. Filippa da Sylva, filha de D. Gileanes da Costa, Védor da Fazenda, e do Conselho de Estado; e de sua mulher D. Joanna da Sylva. Nasceo desta uniaõ

D. Manoel Mascarenhas, Comendador do Rosmaninhal, Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ, o qual cazou com D. Francisca de Atayde, filha de D. Nuno Manoel, Senhor da Atalaya, e Tancos; Familia taõ illustre, que seria reprehensivel cobiça desejar mayor nobreza. Deste matrimonio nasceo

D. Fernando Mascarenhas, Comendador de Fonte Arcada, e Rosmaninhal, Senhor da Gocherã, e primeiro Conde da Torre, Varaõ nascido para os primeiros lugares do Reyno, porque foy Governador de Tanger, e Ceuta, General de mar, e terra das Armadas de Portugal, e Castella na infeliz expediçaõ para a guerra de Pernambuco, Conselheiro de Estado, e Guerra do Senhor Rêy D. Joaõ IV.

Pre-

Presidente do Senado da Camara, e Reformador das Fronteiras. Cazou este Fidalgo com D. Maria de Noronha, filha de D. Luiz Lobo da Sylveira, Senhor das Sarzedas, e de D. Joanna de Lima; Caza, que póde faciar aos hydropicos da mayor Fidalguia. Desta sagrada uniaõ nasceo

D. Manoel Mascarenhas, que naõ succedeo na Caza por deixar gloriosamente a vida na guerra. Esta causa chamou para a successaõ ao segundo filho

D. Joaõ Mascarenhas, segundo Conde da Torre, e primeiro Marquez de Fronteira, Commendador do Rosmanihal, &c. Herdou este Cavalhero com o Morgado as virtudes, e lugares de feu Pay, porque foy Mestre de Campo General da Provincia do Minho, General da Cavallaria na do Alemtejo, posto que occupou na Campanha de 1662. Assistio tambem na famosa batalha do Canal em o anno de 1663. governando huma das Linhas do exercito. Na de Montes Claros occupou o posto de Mestre de Cam-

po General da Corte , e Provincia da Extremadura , desempenhando em todos os empregos com sciencia , e valor militar a gloria de seu apellido. O Senhor Rey D. Pedro II. sendo ainda Principe Regente , o nomeou seu Gentil-homme da Camara , e Conselheiro de Estado , e Guerra : ultimamente depois de viuvo foy Graõ Prior do Crato , lugar , que dá inteiramente a conhecer a distinta grandeza dos seus merecimentos. Unio o matrimonio a este Cavalhero com D. Magdalena de Castro , Senhora , em quem concorria para a fazer illustre o sangue de duas Cazas taõ antigas , que já eraõ respeitadas como adultas na infancia desta Monarchia , pois era filha de Francisco de Sà , e Menezes , terceiro Conde de Penaguiaõ e da Condessa D. Joanna de Castro. Deste vinculo teve a

D. Fernando Mascarenhas , segundo Marquez da Fronteira , e terceiro Conde da Torre , Senhor do Morgado da Gocherã , Commendador do Rosmaninhal , &c. Foy este Cavalhero em Portugal ,
 affim

8 *ELOGIO.*

affim na espada como na penna o grande Cesar Romano , ou hum daquelles illustres homens , que os seculos raras vezes produzem semelhantes , ou seja por difficuldade , ou veneraçãõ. Os seus altos merecimentos lhe fizeraõ occupar os grandes postos de Governador , e Capitãõ General do Reyno do Algarve , Mestre de Campo General , e Governador das armas das Provincias da Beira , e Alemtejo , de Conselheiro de Estado , e Guerra del-Rey N. Senhor , Védor da sua Real Fazenda , Presidente do Paço , Mordomo mór da Rainha , e ultimamente de Censor da Academia Real da Historia Portugueza , que a doutissima providencia de Sua Magestade instituiu para desaggravo da Patria , castigo do esquecimento. Casou este grande Varaõ com D. Joanna Leonor de Toledo e Menezes , Senhora , que pelas suas virtudes merecia com justiça se riscassem das Historias os nomes das Heroínas. Era filha de D. Jeronymo de Atayde , sexto Conde de Atougia , e da Condeffa D. Leonor de Menezes , Cavalhe-

ros ,

ros , que para serem os mais illustres , nem necessitaõ da piedade , nem da justiça dos Genealogicos. Nascerão deste matrimonio D. João Mascarenhas, que herdou com o Morgado todos os titulos da sua Caza; D. Leonor Mascarenhas de Menezes cazada com Aleixo de Soufa da Sylva e Menezes, segundo Conde de S. Tiago, Apozentador mór, e D. Magdalena Mascarenhas de Menezes , que professou a vida Religiosa em o Convento do Sacramento de Lisboa. Acometteo neste tempo à Marqueza huma grave enfermidade, da qual procedeo ficar infecunda. Pelo dilatado espaço de sete annos experimentou o tálamo esta desgraça , que fazia ser mais sensível a consideração da decadencia da Caza pelos grandes achaques do Primogenito , que o faziaõ inhabil para tomar estado. Depois de taõ larga infecundidade inspirou à Marqueza a sua devoção a buscar o patrocínio de S. Francisco Xavier, o que fez com ardentes deprecações, pedindo-lhe se lembrasse da sua Caza , dando-lhe segundo successor. Ouvio o San-

10 *ELOGIO.*

to estas supplicas, e attendendo tanto a ellas, como à grande obrigaçãõ, que devia a esta Familia, por fer hum Mascarenhas o instrumento de curar o seu espirito no Oriente a tantas almas do veneno do Alcoraõ, e idolatria com a medicina Evangelica, lhe deo logo hum filho, que foy D. Francisco Xavier Mascarenhas faudofo, e heroico assumpto deste Elogio. Para mostrar este admiravel Santo ao mundo a grandeza do seu agradecimento fez ao depois felicissimo o matrimonio com hum glorioso numero de filhos, como foy raõ D. Antonio Mascarenhas, Porcionista do Collegio Real de S. Paulo, e Conego na Primacial de Braga, o qual deixando a vida Ecclesiastica pela militar foy Capitãõ de Infantaria; D. Luiz Mascarenhas tambem Porcionista do mesmo Collegio, que abraçando com o exemplo de seu Irmaõ a milicia, foy Capitãõ de Cavallos na Provincia de Alemtejo, e he actualmente Governador da Capitanía de S. Paulo; D. Jozè, e D. Jeronymo Mascarenhas, que falecêraõ de tenra idade;

D.

ELOGIO. II

D. Maria Mascarenhas de Menezes, hoje dignissima Abbadessa do Convento de Santa Clara de Santarem; D. Isabel Mascarenhas de Menezes, Religiosa do Sacramento de Lisboa; D. Luiza, e D. Thereza, que morrêraõ meninas; D. Innocencia, e D. Antonia Mascarenhas de Menezes, Religiosas da Esperança de Lisboa, filhos todos, em quem seus illustres Pays viraõ gloriosamente reproduzidas as suas altas virtudes.

Vio D. Francisco Mascarenhas a luz do mundo aos 11. de Agosto de 1689. em a insigne Villa de Santarem, onde a sua Caza possue dilatadas fazendas. Se esta notavel Villa fecunda Mãy de Varoens eminentes naõ tivesse logrado outras glorias, que lhe fazem recomendavel o nome, esta só lhe bastava para coroa. Foy este nascimento geralmente applaudido, porque todos se interessavaõ na felicidade; os pobres como obrigados às esmolas, os mais à affabilidade destes Cavalheiros. Distinguirã-se neste applauso os Conventos, e Freguesias, porque publi-

carão a sua alegria pelos répiques dos finos ; cousa que naquelle tempo foy ouvida como atençaõ , agora talvez será lida como mysterio.

Se a observaçaõ Astrologica fosse neste nascimento ouvida conseguiria hum acerto para credito da sua falibilidade. Vaticinaria, que aquelle menino havia ser unico , e singular nos progressos da sua vida , porque nascêra em hum dia, a quem a especulaçaõ Astronomica dá os titulos de unico , (1) e singular pelas novidades, que no curso das suas horas se descobrem nos Ceos. Affirmaria com acerto , que nascer em hum mez dedicado a Ceres , (2) e em hum dia consagrado a Hercules, era argumento , de que na mayor idade havia ser no valor para a Patria imagem deste Numen , na providencia para os pobres retrato daquella Deuza.

Aos 5. de Setembro com o nome de Francisco Xavier (pio agradecimento ao beneficio recebido) foy purificado da culpa original , e com misterioso acerto , porque

(1) Sulpitius in Astrolabio n. 117.

(2) Polus in mense Augusti.

que em o mesmo mez na opiniaõ de muitos (1) a contrahio para todos os seus filhos aquella primeira Mãy taõ credula, como desobediente. Em a Parochia do Salvador da dita Villa se fez este sagrado acto, sendo delle Ministro o Padre Domingos Ferreira, Reitor do Collegio, que a Companhia de JESUS alli tem, e Padrinho o grande D. Joaõ de Almeida, a quem a rectidaõ fez ao depois Conde de Assumar.

Entrou logo a doutrina de seus prudentissimos Pays a instruir a infancia de D. Francisco com particular educaçaõ, para que em toda a idade pelo exercicio das virtudes humas vezes fizesse lembrar, outras esquecer aquellas virtuosas acçoës, que como raro morgado deixáraõ seus illustres ascendentes.

Destes principios he que dependem todos os progressos do homem. Se a tenra idade se naõ domina com huma educaçaõ vigilante, fica o parto, nascendo perfeito, monstruoso. A terra se da maõ do agricultor naõ he cultivada, só produz hum aspe-

(1) Vide Polum in mense Septembris,

aspero enredo de espinhos; a planta se de pequena cuidadosamente a não trataõ, de-
 genêra da sua especie. Esta he a poderosa
 força do ensino, e a principal razaõ,
 porque muitos, a quem hum accidente fez
 grandes, injuriaõ com as suas acçoens a
 eterna memoria de seus mayores, e os que
 pela sua humilde condiçaõ nascêraõ das
 fézes da República deixaõ de huma vida
 illustre, immortal nome. Esta verdade hu-
 mas vezes com admiraçaõ, outras com
 horror nos confirmaõ as illustres acçoens
 de hum Cicero humilde, e as vís aleivo-
 zias de hum nobilissimo Catilina, os me-
 recimentos de hum Socrates taõ plebêo,
 e os vicios de hum Critias taõ fidalgo.
 Escusado era valermo-nos de taõ remota
 antiguidade; sempre o mundo em todos
 os seculos foy liberal destes exemplos.

Taõ altamente conheciaõ esta ver-
 dade os Marquezes da Fronteira, que ap-
 plicavaõ todas as forças, para que D.
 Francisco Mascarenhas, como todos os
 mais filhos, primeiro fosse conhecido il-
 lustre pelas acçoens, que pelo sangue.
 Eraõ

Eraõ os primeiros entre os poucos , que fabiaõ , que toda a agigantada figura da nobreza do sangue he , quando muito , a sombra que faz o corpo da nobreza das virtudes. Conseguiãõ logo desta cuidadofa educaçaõ hum taõ admiravel effeito , que parecia D. Francisco na flor da fua idade já verdadeiro Varaõ , se se contaífem os annos pelas virtudes. Só estes por poucos mereciaõ o nome de pueris , porque fempore fe admiravaõ nelle effeitos de idade alheya. Igualmente com os annos crefciaõ as virtudes , porque a eftes nunca levemente mancháraõ aquellas commuas inclinaçoens , que affeaõ a mocidade ; capacitava-fe a admiraçaõ , que eftes antecipados progressõs mais pareciaõ effeitos da natureza , que do ensino. Naõ faõ eftas expreffõens hyperboles , de que para fervir à lizonja costumãõ fer muy liberaes os elogios , faõ verdades , que testificaõ os virtuosos exercicios , em que occupava esta idade , admiravel exemplar da mais provecta. Diga-o a frequencia , com que buscava os Sacramentos

mentos da Penitencia , e Eucharistia , a Oraçãõ mental , com que a penas contando 10. annos espiritalmente se elevava , gastando neste exercicio taõ dilatado tempo , que muitas vezes os criados o levavaõ pela madrugada com violencia para a cama , na qual se naõ deitava , sem primeiro se abraçar muitas vezes com a crucificada Imagem do nosso Redemptor , a cujos pès tributava devotas lagrimas , prodigioso effeito do seu amor. Publique-o a disciplina , com que em muitos dias castigava a innocencia do seu corpo , o austero jejum , com que se mortificava em certos tempos, que a sua devoçãõ pedia , cousas , que se faziaõ admiraveis , porque a ellas costuma naturalmente repugnar o mimoso trato de semelhantes pessoas. Digaõ-no as esmo-las , com que remediava aos pobres , pedindo para esta acçãõ dinheiro a seus Pays com o fingido pretexto de comprar aquellas cousas , de que os poucos annos para divertimento se costumaõ agradar. Imitava nesta virtude muy particularmen-

te a seus Pays , pois delles se sabe , que davaõ todos os annos aos pobres a primeira producção de grande parte das novidades , que nasciaõ nas suas terras , e que todos os dias se viaõ em Santarem à porta do seu Palacio tantos necessitados , que só a sua piedade os podia pelas esmolas contar. Esquecerme-hey da singular devoção , que tinha às milagrosissimas Imagens de Santarem , visitando-as indispensavelmente todos os dias com oração naõ menos dilatada , que devota. Callarey a exemplar obediencia a seus Pays , porque todos sabem , que sem esta baze naõ poderia sustentar o edificio das virtudes : só direy em beneficio da sua obediencia , como cousa naõ commua à natural altiveza de pessoas da sua esféra , que todos os dias beijava de joelhos a mão ao Mestre , que o ensinou a ler , e escrever : naõ sey se esta acção era effeito da natural obediencia do filho , se do preceito dos Pays ; huma , ou outra cousa que fosse , he raro argumento das suas anticipadas virtudes. O tempo , que lhe

C

ref-

restava destes exercicios occupava em divertimentos taõ proprios do seu genio, como do seu sangue. Eraõ estes executar muitos daquelles movimentos, que servem à milicia, fingindo-se igualmente Soldado, e Capitaõ com tal destreza, que mais parecia estudo, que brinco. Já neste tempo claramente mostrava quanto as armas lhe dominavaõ o animo, dando occasiaõ, a que todos lhe vaticinassem, que as havia seguir, principalmente sua Mãy, que lhe costumava chamar *o seu Soldado Santo*, nome, que se deve entender lhe inspirára mais o amor de Mãy pela parte das virtudes, que pela da natureza.

Recolheraõ-se seus Pays a Lisboa; e logo o Senhor Rey D. Pedro II. deo a D. Francisco huma pensãõ de cem mil reis na Mitra de Coimbra; mercè que podendo merecella as virtudes do filho, foy em attençaõ aos merecimentos do Pay. Já neste tempo se achava D. Francisco com idade de entrar a possuir o morgado das Letras, que lhe tocava como filho.

Iho segundo de Fidalgos Portuguezes; porèm deo logo finaes, que o dominava hum espirito bellicoso, que naõ podia sojeitar às letras, porque hindo seu Pay para a Campanha lhe pedio com mais valor, que idade, que lhe assentasse praça de Soldado para o poder acompanhar; acção que o Pay naõ effeituou como sábio, louvando-a como valeroso. Cuidou logo em lhe dar hum Mestre, que ensinando-lhe as letras, o déssê mais claramente a conhecer por seu filho, o que achou em o Padre D. Celestino Siguineau huma das doutissimas colunas, que sustentaõ o Templo da Sabedoria Teatina.

Entrou este grande Mestre a instruir a D. Francisco nos elementos da latitudine, porèm como a sua natural inclinação mais o levava a ouvir as liçoens de Marte, que as de Minerva, fazia nestes estudos os progressos, que hum espirito violentado costuma fazer; porèm ao depois considerando, que a sua applicação naõ lizonjeava a vontade de seu Pay se sacrificou todo à obediencia, e principiou

novamente a ouvir as liçoens da Grammatica com particular disvelo, e como o inspirava huma virtude, em breve tempo deo louvaveis provas da sua applicaçõ, porque entendia aquelles exemplares da antiguidade, que ainda hoje na Europa conservaõ os nomes de Oraculos, que merecêraõ em Roma. Já neste tempo a sua applicaçã mais se dedicava ao genio, que à obediencia, porque encontrava nestes authores liçoens marciaes, que aprender, exemplares a quem seguir. Lia em Curzio as singulares acçoens daquelle Heroe dos conquistadores, a quem a desigualdade dos nossos seculos tem feito fabula do Heroismo. Ponderava em Livio as militares proezas daquelle palestra do valor, a República Romana, na qual as idades posteriores raras vezes aprendêraõ; discorria em Salustio sobre a guerra Jugurtina, em Virgilio sobre as armas de Eneas, e tanto gosto lhe causava ler em huns os heroicos feitos de Capitães illustres, em outros a descripçã de tudo o que o valor, ou a industria

tria usara para conseguir a victoria , que foy este divertimento a porta , por onde lhe entrou hum louvavel conhecimento da lingua Latina : servia engenhosamente a Marte , lizonjeando a Minerva.

Desembaraçado destes estudos o levou comsigo para Braga o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles , que lhe estimava de tal modo as virtudes , como se já soubesse todas aquellas , que ao depois o fizeraõ taõ venerado. Em final da sua estimaçaõ lhe deo logo em huma das Cozezas da Sé huma pensãõ de 80. mil reis, e passados tempos empenhou a sua authoridade , para que Francisco de Mello renunciassê nelle o seu grande Beneficio de Thesoureiro mór da Sè da Guarda , o que conseguio , e em breve tempo o desfrutou todo D. Francisco por morrer o renunciante. Em o Collegio da Companhia de JESUS daquella Cidade estudou Filosofia com aquella applicaçãõ , que pede a difficuldade de semelhante estudo.

A penas o acabou , como seus Pays o destinavaõ para a vida Ecclesiastica, logo

go o mandaraõ a Coimbra acompanhado do Doutor o Padre Antonio Duarte de Sequeira, a quem tambem deveo particulares liçoens da lingua Latina, em que he fummamente instruido. Era naquelle tempo Reytor da Universidade hum illustre Mascarenhas; o Reverendissimo Fr. Gaspar da Encarnaçaõ, que entaçõ se respeitava sábio, hoje se venera Religioso. Teve logo a mercê de Porcionista daquelle Templo da Encyclopedia, o Collegio Real de S. Paulo por Provisaõ de 11. de Agosto de 1711. Foy provido em 6. e tomou com o juramento a posse em 8. de Novembro, sendo Reytor Antonio de Andrada Rego, Lente Jubilado na Cadeira de Decreto, Conego Doutoral na Sè do Algarve, do Conselho de S. Magestade, e do da sua Real Fazenda, Deputado das Juntas, e Estados das Serenissimas Casas de Bragança, e Infantado, e Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza, pessoa, a quem adornaõ taes merecimentos, que ainda saõ mayores, que os grandes em-

empregos , que occupa.

Neste Real Collegio principiou a estudar a doutrina dos Sagrados Canones, preferindo este estudo ao Theologico, que podêra seguir com o exemplo dos do seu fangue, como foraõ D. Antonio Mascarenhas, Collegial do mesmo Collegio, e insigne Theologo, Deaõ, que foy da Capella Real, Cõmissario Geral da Bulla da Cruzada, e Governador do Crato; D. Fernando Martins Mascarenhas Porcionista, e Doutor na mesma Faculdade, Bispo do Algarve, de Coimbra, eleito de Lisboa, e Inquisidor Géral; D. Antonio Mascarenhas, a quem este Real Collegio venerou Oraculo desta Sagrada Sciencia, e outros Cavalheros deste apellido, Varoens todos, cujos nomes se naõ podem pronunciar sem mágoa, menos sem veneração. Entrou D. Francisco Mascarenhas a estudar com áquella applicação, que pedia huma Faculdade taõ diffusa, que nos mayores talentos parece ouzadia emprendella, milagre desempenhalla. Era neste estudo taõ incessante, que roubava
para

para elle ao corpo as horas do descanso , e muitas vezes para ficar pela madrugada mais habil, dormia vestido. Era cousa nelle muy commua verem-no com livro desta Faculdade , humas vezes estudando , outras perguntando a intelligencia de algum texto , violentando deste modo a sua differente inclinaçãõ , para dar huma admiravel prova da sua obediencia ; era nelle virtude , o que em outros espiritos violentados seria medo.

Como neste Real Collegio igualmente com as letras se cultivãõ as virtudes , nelle exercitou D. Francisco Mascarenhas aquellas mesmas , que sem esperar pelos annos praticára na puericia. Aqui mostrou o mesmo affecto à Oraçãõ , o mesmo rigor ao cilicio , e disciplina , a mesma frequencia nos Sacramentos , cujos actos eraõ governados pela doutissima direcçãõ do Mestre Fr. Francisco da Anunciaçãõ , Eremita de Santo Agostinho , Varaõ , a quem as letras , e virtudes fizeram digno da Patria , e de tal Religiaõ. Alli deo claros argumentos da sua caridade,

dade, despendendo com os pobres quasi toda a mezada, que de seu Pay recebia: alli mostrou huma exemplar devoção à Virgem Senhora, jejuando-lhe indispensavelmente todos os Sabbados, com abstinencia não commua, e fazendo-lhe todos os dias dilatadas oraçoens: confiava tanto no poderoso patrocínio da Senhora, que ainda em todos os seus actos sempre levou consigo a sua Santissima Imagem para o inspirar como Mãe da Sabiduria infinita. Já mais o ouviraõ fallar, menos assistir naquellas conversaçoes, que enganadamente arrastraõ a mocidade, vicio que com a vida escolastica tem particular confiança. O desprezo que fazia de si mesmo era admiraçãõ, podendo ser exemplo; praticava em taõ alto grão esta virtude, que a muitos parecia, que se não lembrava de quem era; entendo, que nunca soube melhor a illustre Caza, de que nascêra, como nas occasioens, em que praticava a sua grande humildade; aquelles, a quem a sorte fez grandes, tem particular obrigaçãõ para se fazerem hu-

mildes: a palma, quanto mais se eleva, mais se vê obrigada a inclinar-se para a terra. De todas estas virtudes he aquelle Real Collegio o melhor Panegyrista, porque fazendo de cada hum de seus alumnos outros tantos volumes, nelles publica em animada historia humas vezes desvanecidos, outras admirados as suas raras virtudes.

Chegou o tempo de fazer os seus actos, e em todos mostrou o quanto estudára, distinguindo-se particularmente nelles, porque defendeo na postilla de Nunõ da Sylva Telles, Reytor, que havia sido da Universidade, a materia de *Alienatione judicii mutandi causâ factâ*, com tal desembaraço, e sciencia, que de todos os Mestres mereceo louvores sem lizonja à pessoa, nas boas informaçoes, e anno de mercê, que lhe deraõ, que para se alcançar só os merecimentos saõ padrinhos. Acabada esta litteraria carreira, como ainda os incendios da guerra lhe abrazavaõ o peito, pedio com muita sôjeição licença a seu Pay para se despedir
do

do Collegio, e seguir a milicia, renunciando o seu Beneficio da Sè da Guarda. Não pode seu Pay negarse à licença, vendo que offendia não menos a sua memoria, que a de seus Mayores, se difficultasse inclinação tão antiga, que nem os annos, menos os estudos poderaõ desvanecer. Despedio-se logo do Collegio, que nesta occasião pelo sentimento de todos fez hum saudoso, e digno discurso das suas virtudes. Esta obrigação tão vivamente imprimio D. Francisco na memoria, que a não podêraõ riscar os annos, nem os empregos. Frequentemente visitava o seu Collegio por cartas, dando sempre o amor; e a obrigação o assumpto para ellas; succedendo em jornada ficarlhe perto Coimbra, sempre o visitava, deixando a grandeza do affecto equivocada com a do agradecimento. De todas as mercês, que El-Rey lhe fazia, era a quem primeiro dava parte, para satisfazer com huma obediencia à obrigação de filho, de que tanto se desvanecia. Quando Sua Magestade o nomeou Commandante da

Esquadra, que foy para o Estado da India, logo lhe deo parte por huma carta cheya de tão finas expressoens, que bem mostravaõ serem as ultimas.

Renunciado o Beneficio assentou praça de Soldado em o Terço do Regimento da Junta, e passados poucos mezes o nomeou Sua Magestade Capitaõ de Granadeiros, dando altamente a entender na promptidaõ desta mercè, que a semelhantes Soldados só os Principes os podem premiar, quando os merecimentos são poucos, a immortalidade, quando são muitos. Como D. Francisco Mascarenhas seguia as armas para representar gloriosamente em si as immortaes imagens de seus antepassados, entrou logo a fazer particular estudo em todas as regras da disciplina militar. Ouvio as difficuldades desta sciencia explicadas pela boca de André Ribeiro Coutinho, Governador, que foy do Rio grande, e hoje Mestre de Campo no de Janeiro, Soldado benemerito da Patria, e de mayores empregos, ou attenda a rectidaõ à sciencia,

ou

ou aos serviços. Para o uso deste novo discipulo compoz este grande Official hum livro intitulado : *O Capitão perfeito*, obra, que injustamente se nega ao publico, porque nella achariaõ os nossos Soldados huns que admirar, outros que aprender. Era taõ incessante a applicação de D. Francisco nas liçoens deste livro, que muitas vezes faltava ao corpo com as horas de descanso : atè esta avariza era nelle virtude. Estudava para Heroe, todo elevado no serviço da Patria, e da Gloria, sem attender aos interessès, que para si lhe podiaõ resultar deste estudo, ou como cousa impropria à grandeza de seu espirito, ou à da sua pessoa.

Conseguiu desta applicação hum conhecimento taõ perfeito da disciplina militar de nosso Paiz, que os seus mayores professores, podendo concederlhe a preferencia, naõ lhe negavaõ a igualdade. Conhecia D. Francisco Mascarenhas, que todos os progressos, que neste estudo fizera, eraõ devidas, que às liçoens de André Ribeiro devia, e por naõ incorrer

na fea nota de ingrato, vicio que faz no homem o racional violento, praticou com elle taes excessos de agradecimento, que passou para o Mestre a obrigação, sendo huma, das que merecem mais particular memoria chegar passados muitos annos a offerecer a Sua Magestade os seus proprios servicos, como memorial para o despacho de seu Mestre; acção que este singular Monarcha avaliou por tão heroica, que com o despacho, que pedia, lhe fez todas as honras, que permite a Magestade. Não sey se os seculos serão capazes de nos referir semelhante acção nos Fastos dos seus Heroes, porque sempre o mundo foy avarento de taes generosidades. Como huma particular inclinação à milicia dominava o animo de D. Francisco Mascarenhas, não se contentou com saber a disciplina, que nos ocios da paz pratica este Reyno, passou a investigar a das Naçoens estranhas, a quem as porfiadas guerras tem feito mestras, comprando para este fim os melhores livros Francezes, que trataõ desta sciencia.

cia. A's liçoens destes aũthores se entregou todo, com a applicaçãõ, que outros fariaõ unicamente levados do mayor interesse. O serviço da Patria era só o alvo, a que se encaminhavaõ os seus estudos: dominava particularmente no seu animo a illustre, e rara simpatia, que tem o titulo de Mascarenhas em servir ao seu Soberano com ventagem distincta.

Como o posto de Capitaõ de Granadeiros, que D. Francisco Mascarenhas exercia, faz no mar os seus mayores serviços, passou tambem com igual estudo a instruir-se na arte da Manobra, tendo por Mestre a Joaõ Baptista Rogliano, Capitaõ de Mar, e Guerra, e hum dos mais distintos Officiaes, que serviraõ esta Coroa, porque naõ sendo nacional, sempre na fidelidade, e valor o pareceo. Naõ se esqueceo tambem de saber o modo da construcção das náos, como cousa utilissima aos Officiaes maritimos, porque muitos annos teve em sua Caza a Antonio Rodrigues Fróta, Portuguez que nesta arte nada enveja aos Estrangeiros, o qual o

inf-

instrução de maneira, que entre os professores era respeitada a sua intelligencia com aquellas venerações, com que se tratao os Mestres. De tal modo lhe arrebatavao o genio estes estudos, que parecia, que só nascéra para se entregar a elles. Como igualmente a sua inclinação, e a regularidade da vida lhe faziao aborrecer os passatempos da Corte, todo o tempo, que lhe restava de exercicios espirituaes, dedicava a estes estudos. Sempre o achariao occupado, ou revolvendo livros militares, ou exercitando-se na máchima de huma náu, que tinha em Caza preparada de tudo o de que se compõem as que navegaõ, e em outros muitos engenhos, que servem a este estudo, no que fez consideravel despeza, tudo em beneficio da Patria, a quem desejava servir com tanta perfeição, como independencia.

Por esta applicação incessante adquirio da Manobra hum conhecimento taõ perfeito, como se vê do Tratado, que della imprimio, recebido com applauso de todos os professores, huns venerando
o util,

o util, outros admirando o difficil. Compoz desta obra a segunda parte, que intentava imprimir com outros escritos deste genero; porèm a viagem que fez para o Estado da India privou à República militar destas compoziçoens, que parã serem proveitosas só bastava saberse, que eraõ suas. Suavizaria o publico a falta destes escritos, se podessẽ sómente lograr o livro, que compuzera sobre o modo, com que no mar se deve haver hum Capitaõ em todos os perigos, que padecer a sua náõ, livro digno de particular recommendaçãõ na Bibliotheca Lusitana por competir nelle a sciencia com a utilidade. Para evidentemente se saber o profundo conhecimento, que adquirio desta arte, naõ eraõ necessãrias as testemunhas dos livros, bastava só dizerse, que o Serenissimo Senhor Infante D. Francisco, que está no Ceo, muitas vezes costumava dizer, que D. Francisco Mascarenhas era hum dos Officiaes, que sabia com perfeiçaõ o exercicio do mar; honra que podéra servir de premio, naõ me-

nos de gloria aos mayores estudos por ser de hum Principe , que na altissima intelligencia desta arte foy superior a todo o elogio. Em attençãõ a taõ distincto louvor naõ referiremos o grande conceito, que da sciencia de D. Francisco fazia o Almirante Noris , quando veyo a este Porto commandando a Esquadra Ingleza: differamos que muitas vezes o encheo de elogios taõ grandes , como sinceros, porque como estrangeiro , nem os dava por boca da inveja , nem da lizonja. Naõ era a sua sciencia sómente especulativa, tambem era pratica , pelo dilatado tempo , que servio no mar , fazendo tres Armadas de Guarda Costa , e huma viagem ao Brasil em o posto de Capitaõ ; unicos serviços , que permite no mar a suavissima paz , em que vive este Reyno: prendeo esta ao seu valor , sendo para os seus espiritos desgraça , o que para o socego publico he fortuna.

Corria o anno de 1729. quando a inveja da morte , querendo que Portugal experimentasse huma fatal perda , roubou

bou a vida ao Marquez da Fronteira em 25. de Fevereiro do dito anno ; dia sempre infausito nas memorias dos Heroes Portuguezes. Penetrou esta morte taõ vivamente o coraçã de seu filho Dom Francisco , e da Marqueza sua Esposa, que alimentariaõ perpetuamente a ferida , se o poderoso balsamo das virtudes, que ambos possuíaõ , a naõ curasse. Com este triste motivo deixou a Marqueza sua Mãy a Corte , e retirou-se a Santarem acompanhada de D. Francisco , a quem pedio , que a naõ deixasse em taõ profundo sentimento ; queria suavizar com a companhia de hum tal filho a perda de hum tal esposo. Deixou D. Francisco Mascarenhas o Real serviço pelo da obediencia , assistindo em Santarem largos tempos, todo entregado àquelles virtuosos exercicios , que lhe inspiravaõ naõ menos o exemplo de sua Mãy , que a sua inclinaçaõ natural. Ainda naõ estava o coraçã convalecido do penetrante golpe , que a perda de seu Pay lhe fizera, quando a tyrannia da morte lhe rasgou

mais a ferida , roubando de huma penosa enfermidade à Marqueza sua Mãe aquella exemplar vida, a quem sempre domináraõ as virtudes. Qual fosse a grandeza do sentimento, que a D. Francisco causou aquelle fatal tributo , explica-se melhor com o silencio , que com as expressões mais vivas ; não cabe nestas relatar dignamente huma dor , que nasceo da defuniação de duas almas , que o amor estreitamente uníra. Fez esta Senhora hum testamento , que póde ser reputado como elogio das suas virtudes , e nomeou a seu filho D. Francisco por testamenteiro , fiando só delle a prompta execução da sua ultima vontade. Para lhe deixar hum final de seu grande amor , nomeou nelle hum prazo de cento e cinquenta mil reis , querendo que fosse herdeiro dos seus bens , quem já o era das virtudes. Constava o testamento de grande numero de Legados , que assim pela quantidade , como pela grande distancia das partes para onde eraõ destinados pedião dilatado tempo para se cumprirem ,

porèm foy tal o zelo , e diligencia de D. Francisco , que em menos de 4. mezes tinha dado total cumprimento a todos.

Pelos annos de 1734. vio-se entre as Coroas de Portugal , e Castella desfata aquella uniaõ , que pelos desposorios sagradamente fizeraõ as mãos de dous Principes , e já com movimentos , que ameaçavaõ gravissimas consequencias , porque mandou Sua Magestade guarnecer de consideravel numero de Trópas todas as Praças , e Fronteiras do Reyno. Achava-se nesta occasiaõ D. Francisco Mascarenhas ainda em o posto de Capitão de Granadeiros exercitado por largos annos , no qual tambem fazia as obrigaçoens do de Sargento mór , e o nomeou Sua Magestade em o de Coronel ; mercè que a fez mais consideravel naõ haver sido pedida , porque he constante , que nunca fez a mais leve supplica para seu augmento ; acçaõ que só a fazem naõ ser singular outros Heroes deste grande apelido. Com este novo posto entrou profundamente a revolver todos os mysterios da.

da milicia com huma applicaçãõ taõ rara, como lhe inspirava em tal occasiãõ a grandeza do seu zelo. Observou atentamente pelos livros a disciplina militar da Europa, teatro em que propriamente tem esta sciencia o seu trono. Leo todas as memorias militares daquelles Generaes, que fizeraõ com os seus nomes eternos os seculos, em que nasce-raõ; leo as melhores artes, e exercicios da milicia, e tanto lhe agradáraõ as novidades, que nelles encontrava, que conseguiu praticallas em o seu Regimento, entendendo, que seriaõ a Portugal taõ uteis, como eraõ às mais Naçoens. Fez outras fórmãs de evoluçoens, e exercicios, que foraõ recebidos de muitos com mais emulaçãõ, que applauso, commum premio, que alcançaõ as novidades, ainda que proveitosas. Para que os Soldados perfeitamente se instruissem nesta nova fóрма, que introduzia, imprimio della hum Tratado, que distribuio por elles, no qual facilmente, e por ordem explicava as operaçoens dos exercicios.

Fre-

Frequentíssimamente os exercitava, e em breve tempo sahiraõ taõ singularmente praticos, que entre todos os da Corte os faziaõ distintos os elogios daquelles poucos, que julgaõ sem paixãõ.

Em o anno de 1735. com a resoluçãõ de Sua Magestade, de que todos os Regimentos da Corte passassem às partes do Reyno, que lhes estavaõ affinadas, passou D. Francisco Mascarenhas com o seu Regimento para a Provincia do Alemtejo, e aquartelou-se em a Villa de Monçarás. Mudáraõ logo de semblante as differenças destas duas Coroas, e passados poucos mezes voltou D. Francisco Mascarenhas para a Corte. A penas chegou foy encarregado de levantar Soldados na Comarca de Santarem para reclutar o seu Regimento, o que fez com tal suavidade, que podéra servir de exemplo. Como este grande Cavalhero parecia que só nascera para os estudos militares, naõ se entregou ao descanso, e ocios da Corte, antes entrou novamente a dar outras admiraveis provas da sua

fua applicaçãõ , e sciencia. Naõ sabe este Elogio com evidencia provar esta verdade ; só dignamente o poderaõ dizer os professores , a quem naõ dominar a paixãõ. Diraõ que aquelle grande exercicio , que fez na Real Praça do Terreiro do Paço diante das Magestades , e dos primeiros Officiaes deste Reyno , mereceo tanta admiraçãõ , que atè da inveja ouviu louvores. Diraõ que nas celebradas Conclusõens , que defendeo em sua Caza sobre quatro principaes pontos da sciencia militar , mostrou huma erudiçãõ taõ profunda , que se vio esta sciencia naquella palestra taõ respeitada pela lingua , como nas Campanhas pela espada. Diraõ , que alli explicára os mais profundos segredos da milicia , ficando depois de explicados pela sua sciencia com hum novo motivo para ainda ficarem mysterios. Diraõ , que nos continuados exercicios , que fazia ao seu Regimento , naõ sabiaõ se primeiro ao zelo , ou à sciencia deviaõ dedicar a admiraçãõ ; finalmente dirãõ , que as novidades , que nelles

les introduzia eraõ taes, que todos dese-
 jariaõ serem dellas authores, e que estas
 estabeleceo mais com a authoridade das
 razoens, que da pessão, como mostrou em
 muitos papeis, que compoz, principal-
 mente em huma Apologia, em que res-
 pondeo a huma obra, que se imprimio,
 defendendo a antiga disciplina; resposta,
 que se a sua rara modestia permitira que
 se imprimisse, naõ havia sahir a receber,
 sim a dar luz ao publico.

Se D. Francisco Mascarenhas servisse
 sómente à Patria, bastavaõ as noticias, que
 temos referido para fazer a sua gloriosa
 memoria digna de eterno elogio; porèm
 como igualmente servia ao Principe com
 as armas, e a Deos com as virtudes, rela-
 taremos agora estas, que deviaõ ser pri-
 meiras, como melhores serviços feitos a
 hum Senhor, que na grandeza do pre-
 mio faz humildes os mayores merecimen-
 tos: a ordem Chronologica, que segui-
 mos, nos fez naõ abraçar esta proprieda-
 de. Naõ houve virtude, que este Cava-
 lhero perfeitamente naõ praticasse na vi-
 da

da militar, que seguia; era esta taõ regulada como se naõ vivesse no seculo; parecia hum vivo exemplar do Claustro mais Religioso. Nesta vida he, que dilatou os ramos àquella veneravel arvore das virtudes, que plantára na puericia, chegando esta a tal crescimento, que foy nesta Corte unico objecto de assombro. A mortificaçaõ do corpo, penitencia, que entre a Jerarchia illustre tem poucos, que a sigaõ, pelas delicias, que lhe offerece a sua propria grandeza, foy a que praticou D. Francisco Mascarenhas com mais particular observancia. Tinha determinados dias, em que cingia hum apertado cilicio, e usava de huma aspera disciplina, penitencias, de que ainda em jornadas costumava usar. Muitas, e muitas vezes de huma dura taboa fazia a sua cama, e para occultar esta mortificaçaõ deitava-se primeiro no leito, que naõ se differençaava em muito da taboa, em que depois dormia.

Do jejum foy taõ rigoroso amante, que todas as festas feiras, e Sabbados do
anno

anno indispenfavelmente jejuava , aquellas por devoção a S. Francisco , de quem era Terceiro , estes a Nossa Senhora , de quem era devotissimo , observando tal austeridade , que o jantar em pouco se distinguia de escrupulosa consoada. Porém nunca se dividia nelle com mais rigor este prodigioso sustento do espirito , como nas frequentes occasioens , em que fazia os exercicios espirituaes de Santo Ignacio , a quem tinha particular devoção , talvez lembrado da estreita amizade , com que este Santo tratára a alguns de seus ascendentes , principalmente a D. Pedro Mascarenhas , que foy seu confessor , sendo Embaixador em Roma. Neste tempo sustentava-se unicamente de herbas cozidas sem mais tempero , que sal ; cousa que ha de causar admiração não commua , a quem considerar a delicadeza dos manjares , com que costumão ser criadas pessoas de tal grandeza. Não era menor a sua mortificação em os sagrados tempos do Advento , e Quaresma , pois ordinariamente só comia aquelles susten-

tos , que em o gosto tinhaõ pouca aceitação. Amava finalmente tanto esta penitencia , que a sua meza , ainda em dias , em que não se abstinha , era taõ parca , que pareceria avareza , a não se conhecer a singular generosidade de seu animo.

Da Oração mental , unico poderoso Iman , que eleva a gravidade do corpo à celestial communicacão com Deos , foy taõ observante , que infallivelmente todos os dias destinava largas horas para este exercicio. Buscava muitas vezes para este fim como Caza mais propria para a oração a Igreja das Chagas , e as horas da noute , em que nella não houvesse concurso , só desejando ser visto de Deos , porque não conhecia os fingimentos da hypocrizia ; máscara , com que muitos fazem no teatro do mundo igualmente devota , e abominavel representacão. Este importantissimo exercicio , como todos os mais das suas grandes virtudes , foraõ largos annos governados pela doutissima prudencia de Fr. Manoel Guilherme , hum dos astros de mayor grandeza , que
illuf-

illuſtráraõ neste ſeculo o Ceo Dominicano. Frequentiſſimamente ſe confeſſava em a Congregaçaõ da Miſſaõ, onde fez exercicios espirituaes, deixando das ſuas virtuoſas acçoens ſingular memoria, que deve ſer com diſtincçaõ recomendavel, por ſe conſervar em huma Caza, onde as meſmas taõ altamente ſe praticaõ, como ſe enſinaõ.

Como D. Francisco Mascarenhas conhecia, que para ſe ſuſtentar o veneravel edificio das virtudes he a humildade o mais sólido fundamento, admiravaſe eſta na ſua peſſoa em taõ alto gráo, como quem naõ padecia o contagioſo achaque da altiveza, a que eſtá mais ſojeito o ſangue illuſtre: interiormente aborrecia o ſoberbo vicio daquelles, que para naõ ſerem cortezmente flexiveis com os humildes, ſempre olhaõ para as eſtrelas, parecendo-lhe só eſtas digno objecto dos ſeus olhos. Para darmos deſta verdade authenticas teſtemunhas nos deixou D. Francisco Mascarenhas caſos ſingulares. Quando pela morte do Marquez ſeu

seu Pay se recolheo a Santarem com sua Mãy , era todas as tardes o seu mayor divertimento levar de merendar aos pastores da sua Caza , e depois de os instruir nos Mysterios da Fé , comer juntamente com elles , honrando neste abatimento tanto a sua humildade virtuosa , como a natural dos outros. Outra rarissima prova desta virtude costumava dar em Quinta Feira Mayor. Depois de fazer as devoçoens , que pede a grandeza de hum tal dia , buscava os pobres , a quem os achaques , e a pobreza fizeraõ miseraveis , e asquerosos , e levando-os comsigo para Caza lhes lavava os pès mais com abundancia de lagrimas , que de agoa , os quaes ao depois beijava com devotissima humildade , e acabado este piedoso acto lhes dava com huma grande esmola hum custoso jantar , a que elle servia com tanta humiliaçaõ , como quem venerava em caza hum delles a Imagem de Christo.

Porèm , o que mais altamente confirma esta virtude , he o caso , que lhe succedeo em Bemfica na quinta do Marquez seu

feu Pay, com hum pobre muito estimado de toda esta Corte, porque sabia fazer a difficultosa liga da Santidade com a pobreza mendicante. Huma noite passeando D. Francisco por huma varanda das Cazas, encontrou nella este pobre, que dormia no chaõ; acordou-o, e occultamente o levou para a sua Camara, dizendo-lhe, que tinha particular gosto, de que se deitasse no seu leito. Recusou o pobre assim por humildade propria, como pela grandeza do offercimento, respondendo, que as pedras, em que estava deitado, eraõ a cama, que unicamente convinha à condiçaõ da sua pessoa; que de nenhum modo havia consentir, que o asqueroso de seu corpo inficionasse o leito; que reparasse, que para se fazer a si humilde o queria deixar a elle vaidoso, vicio, em que devia cahir, ainda naõ sendo hum mendicante taõ desprezivel, e que naõ ensinavaõ as regras da virtude, que esta se praticasse com perigosas consequencias. Nenhum effeito causaraõ estas razoens para Dom

Fran.

Francisco se dissuadir, antes mais vivamente se abrazou, vendo que se lhe correspondia com a mesma humildade, e tão poderosos foraõ os seus rogos, que cedo o pobre, naõ querendo como virtuoso, que perdesse aquella virtude humtaõ raro lance, que ao depois com admiracãõ vio subido a grãõ heroico, observando, que para lhe dar a cama, fizera do chaõ a sua. Encomendou-lhe ao depois o segredo com muitos rogos, dizendo-lhe, que para nenhuma pessoa saber, o que se passára, atè elle cuidasse muito em se esquecer; porèm o pobre parecendo-lhe justamente, que taõ grande acçãõ era indigna do silencio, a descobrio a algumas pessoas, que ficáraõ taõ admiradas da gratidaõ de hum, como da humildade do outro. A este mesmo pobre recolheo ao depois em sua Caza, onde em outra occasiaõ lhe fez admirar a mesma acçãõ virtuosa: tratava-o com tal amor, que o obrigava a publicar as finezas, que lhe devia, acompanhadas de hum grande elogio àquellas virtudes, que só elle di-

dizia que as presenciava, as quaes senão ignorassemos, fariaõ este, que escrevemos, mais venerado, a sua memoria mais illustre.

Para que a sua humildade mais altamente se elevasse na presença de Deos, onde só desejava ser grande, em muitas occasioens sofreo cousas, que para dellas se mostrar offendido, não era preciso considerarse illustre, bastava conhecerse homem. Recollendo-se a Lisboa de huma das vezes, que foy à Guarda Costa, trazia hum homem, que vinha das Ilhas, grande numero daquelles passaros, que a raridade, e perfeição da natureza faz serem estimaveis; intentou comprallos hum seu Official subalterno, porèm dizendo-lhe o passageiro, que lhos não podia vender, porque já o Senhor D. Francisco Mascarenhas lhos comprára, teve a ousadia de os matar em huma noute a todos. Soube D. Francisco do atrevimento, e quando muitos esperavaõ, que as forças da natureza venceassem as da virtude, viraõ com assombro, que nem

huma só palavra fallára daquella acção. Chegou este caso aos ouvidos do Capitão de Mar, e Guerra Joaõ Baptista Rogliani, e admirando tanto a grandeza da virtude, como a da offensa, mandou prender rigorosamente o Official; porém D. Francisco Mascarenhas, querendo augmentar mais no altar da humildade o sacrificio, que a Deos offerecêra, empenhou com o Capitão a sua authoridade, para que logo o mandasse soltar, o que conseguiu, deixando ao complice mais confuso por esta rara acção, que experimentára, que pelo estranho atrevimento, que commetêra.

Outra prova igualmente singular, e semelhante à que agora referimos, nos offerece a sua grande humildade. Pouzando de jornada em huma estalagem, movido da sua natural benignidade quiz fazer ao estalagadeiro huma atençaõ: recebeu-a este como rustico por injuria, e como não conhecesse a distincçaõ da pessoa, que lha fizera, rompeo contra elle em nomes taõ injuriosos, que o menor del-

delles acharia em outros o ultimo despi- que. Naõ se alterou D. Francisco , antes com virtuoso disfarce soffreo tanta inju- ria. Soube ao depois o homem a quali- dade da pessoa , a quem offendéra , e pe- dindo-lhe perdaõ lançado a seus pés , D. Francisco Mascarenhas o tratou com taes demonstraçoens de agrado , que podéra capacitar-se o rustico , que naõ eraõ inju- riosas as palavras , com que antes o tra- tára. Para que no mundo nunca falte o assombro , bastará que se conserve a me- moria destes dous casos. Como naõ ha- via perdoar offensas , quem muitas vezes foy medianeiro para se conciliarem ani- mos , que viviaõ em odio ? Esta virtude nos tràs à memoria alèm de outros ca- sos hum , que lhe succedeo , que deve ser para nossõ exemplo taõ ponderavel , co- mo foy para a sua virtude glorioso. A- chava-se em a Quinta da Gocheria , Se- nhorio da sua Caza , quando soube que alli viviaõ duas pessoas em odio taõ ra- dicado , que vencia todos os excessos da paixãõ. Buscou-as logo , e com hum

Crucifixo na mão lhes fez occultamente huma practica com tal vehemencia de espirito, que logo convertendo-lhes todo o odio em verdadeira amizade, alcançou como Soldado de Christo a mais importante victoria; coufa que occupou de admiração a todos, considerando a brevidade, com que conseguira hum negocio, que pessoas de conhecido espirito nunca poderaõ alcançar.

Quem possuia em taõ alto gráo a humildade, naõ podia deixar de ter a obediencia, companheira inseparavel desta virtude. Era D. Francisco Mascarenhas no respeito, e obediencia a seus Pays hum singular espelho, em que se podia compôr a mocidade da Corte. A quantas pessoas causava admiração verem, que na presença de seus Pays a penas levantava os olhos, e que nunca se assentava sem elles lho mandarem, naõ se valendo da crecida idade, menos do posto; que exercia para disfarçar aquella sujeição, que só nos poucos annos se vê? Queria por hum novo modo com a temero-
sa

fa obediencia de menino acreditar a sua adulta virtude. De tudo quanto determinava fazer , era a seus Pays , a quem primeiro dava parte , e depois de lho approvarem , pedia-lhes licença para o executar. Bastará dizerse para credito da sua obediencia , que vizitando todos os dias a N. Senhora da Piedade na sua Igreja das Chagas , nunca poz os pés na sepultura de seu Pay , sendo o contrario quasi natural por estar sepultado no meyo de huma porta travessa daquella Igreja. Por este caso se póde perfeitamente conhecer o excessõ , com que D. Francisco Mascarenhas praticava esta virtude ; ainda a hum cadaver conservava taõ viva obediencia ! Como esta se naõ póde dar sem hum grande amor , amava D. Francisco taõ extremosamente a seus Pays , que passou o seu amor alèm da morte , porque frequentissimamente visitava a sepultura de seu Pay , sobre a qual em continuas oraçoens passava muitas horas da noute , humedecendo com saudosas lagrimas aquellas estimaveis cinzas , em que ainda
se

se occultava o fogo do seu amor. Com a Marqueza sua Mãy era igualmente extremo; amava-a de tal maneira, que a obrigava, como se não pedisse taes excessos a razão de filho, motivo porque entre os mais Irmãos era elle o primogenito do amor; quando se não queira dizer, que a viva semelhança das virtudes era a causa desta distincção. Só parece que faltára à obediencia em huma occasião, porém foy para dar admiravel exemplo da sua virtude. Para a Real Função dos desposorios do Principe N. Senhor lhe mandou seu Pay fazer hum vestido tão rico, como pedia a grandeza da sua pessoa em acto tão publico. Em a noute de Natal para assistir na sua Capella à Missa, vestio D. Francisco o vestido com todos os mais adornos, sem que antes pedisse a seu Pay licença para assim o fazer. Vio-o este, e admirado lhe perguntou, como sem ordem sua vestira aquella gala antes do tempo, para que lha mandára fazer? Ao que D. Francisco respirando todo virtude, respondeo, que lhe

lhe parecêra não podia haver occasiã mais forçosa para o vestir, como em huma noute, em que nascia hum Senhor, de quem são Vassallos todos os Príncipes do Mundo; resposta que ao Pay fer-vio de gloria, aos mais de assumpto, hum vendo-se mais illustre na producção de tal filho, outros fazendo novos argu-mentos da grandeza da sua virtude.

Da inteireza da sua consciencia não he preciso fallar, porque todos sabem, que esta he a planta, de que se fórma o veneravel Templo de todas as virtudes. Podéramos referir a pontualidade, com que pagava, a quem devia, dizendo, que pedindo a hum seu amigo consideravel quantidade de dinheiro, quando se reco-lheo com sua Mãe a Santarem, para satis-fazer esta divida vendêra logo o prazo, que esta por sua morte lhe deixára, o que podêra evitar, ou por não ser obrigado como divida da Caza, ou porque das suas rendas a podia por partes suavemen-te pagar, e lembrando-se-lhe por algumas vezes estas razoens, sempre respondeo, que

que o socego do seu animo só estava na prompta satisfação do que devia. Diriamos, que quando renunciou o seu grande Beneficio da Guarda para não gravar ainda levemente a sua consciencia sobre a pensão, fora pessoalmente à Guarda no mayor rigor do Inverno, e tirando do Cabido huma atestação do justo rendimento delle, a mandára a Roma, que à vista della deffirio, que para si tirasse setecentos e cincoenta mil reis. Poderíamos relatar, que estando em Monçarás aquartelado com o seu Regimento, e comprando para elle humas vacas pela justa avaliação, entrára ao depois a escrupulizar, entendendo que vexára o dono naquelle modo de compra, porque as poderia vender por mayor preço, e chegou o escrupulo a tal auge, que lhe satisfez da sua bolça tudo, o que faltava para ajustar o preço, porque commummente as vendia; sem atender às uniformes resoluçoens dos Theologos, que lhe affirmavaõ não estar obrigado àquelle resarcimento. Conto este caso como singular, por-

porque os escrupulos na vida militar andão commummente ociosos.

Tambem involveremos no silencio a grande devoção, que nelle sempre se admirou, porque não teve virtude, que mais publicamente se soubesse. Não referiremos a exemplar edificação, com que todos os dias ouvia muitas Missas, reparando nellas copiosas esmolas. Não diremos, que sempre que ouvia horas, rezava particulares orações, ainda que estivesse com a pessoa de mayor respeito, ou tratasse o negocio mais importante. Não diremos, que quando sahia de caza, primeiro fazia muitos actos de amor diante de humra Imagem de Christo Crucificado; que todas as vezes, que via a Santissima Cruz, a adorava com humra reverencia tão profunda, que de todos era devotamente notada, e que com as veneraveis Imagens dos Santos, e da Virgem Senhora não era menos exemplar a sua reverencia, chegando a inventar em o seu Regimento tres evoluções para distinguir as tres adorações, que aos

feis prescreve a Igreja. Não relataremos a grande devoção, que tinha a muitos Santos, a quem dava annualmente copiosas esmolas, que ainda lhes deixou, quando partio para a India, nem a que sempre professou à Mãe de Deos, particularmente com o titulo da Piedade das Chagas, visitando frequentemente o seu Altar, e recitando com indispensavel devoção todos os dias o seu Officio. Não diremos finalmente os extremos, que o seu coração devoto mostrava em a Igreja do Real Recolhimento das Convertidas desta Corte na Semana Santa, cujo tempo todo gastava em contemplar aquella incomprehensivel extremo de amor, a Paixão de JESUS Christo. Estes virtuosos exercicios de Dom Francisco Mascarenhas publicão com tanta veneração as lingoas de todos, que escrevellos neste Elogio seria descuido da nossa penna.

Praticando este Cavalhero tão altamente todas as virtudes, que distinguem hum perfeito Christão, nenhuma brilhou nel-

nelle com resplandores mais vivos , como a Caridade. Foy nesta virtude taõ singularmente admiravel , que para fallar dignamente della he o Elogio breve , o mesmo succedera em dilatada historia. Era semelhante ao Sol , de cujas generosas influencias todos participaõ ; parecia hum Oceano , de cujo inexaurivel seyo nascem todos os rios , que frutificaõ a terra. No exercicio admiravel desta virtude nunca perdeo dia , porque em todos mostrava os effeitos da sua piedade. Tinha pessoas , a quem encomendava , que em sabendo de algumas necessidades logo o avisassẽ , e esta he a causa , porque distribuía as esmolas , que dava , por diversas mãos. Foy verdadeiramente nesta virtude hum raro prodigio da Corte , porque naõ tinha mais detença em favorecer , que aquella , que se lhe fazia em pedir. Desta verdade nos deo em toda a sua vida piedosissimas provas. Pelo dilatado espaço de hum anno assistio a sua caridade a huma pobre , favorecida em outro tempo da sua Caza , a qual pade-

cia hum gravissimo achaque , pagando promptissimamente tudo , o que a Medicina receitava , ou para o sustento , ou para os remedios , como tambem o que pedia a dilatada assistencia do Medico , e Cirurgiaõ , que ainda hoje admirados publicaõ esta acção em melhor estilo. Os mesmos piedosos effeitos desta virtude experimentou outra pessoa , quando por dilatados mezes padeceo huma gravissima doença , a qual certamente pelas forças , que criára , a privaria da vida , se a generosa piedade de D. Francisco lhe não valera logo com Medicos , e todos os remedios , que pedia hum mal taõ gravemente adiantado , sem reparar no grande custo , que faziaõ , porque a mais se extendiaõ os seus piedosos desejos. Escusado era deter a penna em referir este caso , porque esta pessoa tomou por conta do seu agradecimento fazer publica esta acção. Continuadamente pelo discurso de doze annos deo todos os mezes huma moeda de ouro à honesta , e necessitada familia de hum seu amigo , que estava ausente ,

te ,

te, e constando-lhe que esta em huma occasiã se via vexada de acrêdores pela quantia de cem mil reis, promptamente lhos mandou, livrando-a, de que lhe succedesse o que em taes casos determinaõ as Leys. Naõ poz aqui termo à sua piedade para com a necessitada caza deste seu amigo; porque succedendo morrerlhe o pay, fez toda a despeza do funeral com grandeza digna da sua amizade, naõ menos da distincçã do morto. Qual fosse o seu piedoso coração, póde testificar outro seu amigo, que vendo-se em huma apertada afflicçã, e pedindo-lhe por emprestimo naõ pequena quantia de dinheiro, lhe deo com piedade generosa mais, do que lhe pedia; póde testificar outra afflicta pessoa, à qual D. Francisco Mascarenhas mandou trezentos mil rês, sem que ella lhos houvesse pedido, arrebatado sómente do ardor da caridade por ter ouvido, que ao outro dia lhe haviaõ pôr em praça publica todos os seus bens pela referida quantia. Taõ grande era a providencia deste

Cavallhero com os necessitados, que para lhes valer naõ era preciso pedirem-lhe, bastava informarem-no. Esta mesma virtude podem testificar muitas cazas particulares desta Corte, a quem favorecia com esmolas copiosas, e frequentes, assim para se vestirem, como sustentarem; podem ultimamente publicar muitas donzelas, às quaes para tomarem estado, dava naõ pequenos dotes, zeloso de que naõ chegassẽ a manchar a candida vestidura da castidade. Tanto se abrazava nas chammãs desta virtude, que em muitas occasioens encontrando alguma pessoa, que a justiça conduzia à prizaõ, perguntava pelo crime, e sabendo que era divida, que por pobre naõ podia pagar, piedosamente o soltava, pagando ao acrédor a quantia. Quem verdadeiramente com expressoens mais decentes discorre nesta virtude saõ quasi todas as pessoas necessitadas da Freguesia de Santa Catharina de Monte Sinay, publicando, que muitas noutes depois das nove horas hia D. Francisco Mascarenhas occultamen-

te com hum grande sacco de paõ , que levava hum criado , e que todo o distribuía por ellas , segundo a necessidade , que via; e que esta grande esmola lhes fizera por largos tempos , atè que a commutára em dinheiro , prevendo , que lhes seria mais util para a miseravel economia das suas cazas. Que descuido (pudéramos dizer injuria) foy naõ se gravar na campa da sua sepultura o merecido epitheto de *Pay dos pobres* ! Para que naõ houvesse peffoa , que deixasse de experimentar a sua admiravel compaixãõ , atè ao Resignatario do seu Beneficio da Guarda , que por determinaçãõ Apostolica lhe devia pagar setecentos e cincoenta mil reis , costumava , attendendo ao gasto , que fizera nas Bullas , perdoar os cincoenta. Naõ parecerá admiravel a relaçaõ destes casos , que referimos , quando se souber , que de huma só vez deo o seu coraçãõ compassivo hum conto de reis , para valer à urgente necessidade de huma caza , a quem a desgraça conduzia ao precipicio ; acçaõ , que para lhe deixar às idades

des immortal memoria , bastavalhe naõ haver sido taõ grande. Se referissemos as occasioens , em que perdoou dividas ; as grandes ordinarias , que dava todos os mezes a muitos Conventos , que ainda lhes deixou , quando passou ao Estado da India ; as continuadas esmolas , que dava ainda àquelles pobres , que tem mais o officio , que a necessidade de pedir , e as occasioens , em que chegou a dar a cama , em que dormia , e os vestidos , de que usava , passaria este breve Elogio a dilatada historia ; bastará concluir , que já mais se lhe pedio esmola , que tendo com que valer , naõ deixasse a necessidade remida , naõ menos admirada , humas vezes da promptidaõ , outras da grandeza.

Destes generosos effeitos da sua ardentissima caridade , lograraõ sempre os Soldados a melhor parte , como ainda hoje testifica o seu pranto , naõ menos faudoso , que digno panegyrista desta virtude. Publicaõ , que já mais chegaraõ à sua presença necessitados , que naõ viessem

fem remediados ; publicação , que nas occasioens , em que estavaõ doentes , os visitava muitas vezes , assim em suas cazas , como em o Hôspital do Castello , remediando-os de algumas coufas , de que a doença necessitava , ou a convalescença appetecia , para cujo effeito mandava todos os annos fazer em caza do Marquez seu Irmaõ muita variedade de doces , que a Medicina consente nas doenças ; publicação , que algumas vezes lhes chegára a mandar a galinha , que por doente mandara fazer para si , e que nas occasioens de Armada compadecido das suas doenças para lhes dar a sua cama , dormira muitas vezes com discommodo , em que tanto padecia o trato do seu corpo , como a decencia da sua pessoa ; publicação finalmente , que tanto lhes era Capitaõ , como padrinho , porque não fazendo em tempo algum requerimento para si , era incessante nos que fazia para elles , e que a sua grande diligencia lhes alcançara entre outros despachos o soldo de mais tres vintens por dia em quanto estivessem em terra na occasião de Armada.

Era verdadeiramente couza digna de particular admiração, e hoje de perduravel memoria o elevado grão com que praticava com os seus Soldados esta Princeza das virtudes. Recolhendo-se em huma noute para caza, chegou à sua caruagem hum seu Soldado pedindo-lhe esmolla para comprar huns çapatos; casualmente não trazia comfigo este piedoso coração dinheiro, com que podesse remediar aquella necessidade, e principian-do a discorrer no modo de não perder a occasião de acodir a hum pobre, que àlem da circumstancia de proximo, tinha a de companheiro, resolveo taõ apertado lance mais em beneficio da piedade, que da decencia; descalçou os seus proprios çapatos, e deo-lhos, deixando-o não sey se mais admirado da caridade, se do abatimento.

Este mesmo lance da mayor caridade experimentou no fim de hum exercicio outro Soldado, a quem vio descalço. Só elle he que podia fazer com huma tal acção não fosse no mundo singular.

gular. Subirá a mayor gráo a admiração do Leitor com outro caso , que referiremos , no qual este Cavalhero mais vivamente mostrou os incendios, em que o abraçava a caridade.² Estava D. Francisco Mascarenhas em huma occasião vestindo huma camiza para sahir de caça; chegou casual, ou mysteriosamente neste tempo hum seu Soldado a fallarlhe em hum negocio, e vio, que este trazia vestida huma camiza taõ rota, que já se não distinguia do que era; entráõ logo a agitar-se os espiritos da sua piedade, e como as necessidades alheyas tinhaõ para com elle huma virtude Magnetica, que instantaneamente lhe attrahia o coração para a caridade, despio a camiza, e deo-a ao Soldado: para esta acção ficar singularmente heroica teve a circumstancia, de que não tendo naquella occasião outra camiza lavada, sahira para fóra com a mesma, que havia despedido. Quem não dirá que só esta acção bastava para ser a sua memoria collocada no templo immortal dos Heroes,

bastando para merecer eterno lugar no celestial dos Santos? Quando com o seu Regimento passou ao Alemtejo, foy esta Provincia o theatro, em que deixou mais venerada a sua piedade, glorioso o seu nome. Em huma marcha, que fez de oito legoas em hum dia, experimentáraõ os Soldados huma sede taõ infofrivel, que naõ duvidavaõ a beber nos charcos, como remedio, mayor perigo: vio a sua piedade aquella afflicçaõ, e querendo igualmente remedialla, e evitar o damno, mandou pôr guardas aos charcos, e de breve em breve tempo distribuir por elles huma pequena porçaõ de vinho, que elle algumas vezes pessoalmente lhes dava; remedio que todos recebiaõ mais como da maõ de Pay, que de Capitaõ. Nesta, e em outras marchas, sendo preciso ao Regimento vadear alguns rios sempre montado a cavallo, passava nelle a cada Soldado per si com tanta caridade, como trabalho; naõ consentindo, que estes, a quem estimava como a si proprio, padecessem na passagem
huma

huma incommodidade muitas vezes perigosa. Quando trouxe para a Corte os Soldados, que fora levantar à Comarca de Santarem para reclutar o seu Regimento, compadecido das suas misérias os recolheu em sua caza, e nella os sustentou largo tempo, fazendo-lhes admirar com a grandeza de Cavalhero, a de piedoso. Era taõ grande o cuidado, que tinha de que os seus Soldados naõ padessem, que nomeou do seu Regimento hum Soldado para ser Procurador dos que estivessem prezos, ao qual despenfava de todas as obrigaçoens, a fim de ficar mais desembaraçado para cuidar do livramento dos prezos, para o qual dava sempre o dinheiro, que era necessario. Finalmente para darmos huma concludente prova da sua compaixaõ para com os Soldados, só basta dizer, que chegou a fazer a Sua Magestade o requerimento, de que o mudasse para Coronel do mar, dizendo, que era tal a compaixaõ, que lhe cauzavaõ as necessidades dos Soldados, que como naõ podia de todo remediallas

diallas, não tinha animo para as ouvir. Veja-se, ou admire-se qual era o gráo da sua compaixão, pois chegou a pedir hum posto inferior ao que exercia, por vêr que algumas vezes ficaria a sua piedade sem exercicio. 4

Como a D. Francisco Mascarenhas em cada Soldado se lhe representava hum filho, praticava com elles toda a obrigaçãõ de Pay verdadeiro. Instruia-os igualmente no serviço do Monarca, e no de Deos: ao mesmo tempo que lhes ensinava as obrigaçoens de Soldados, lhes fazia exercitar as de Christãos, e não era nestes pios exercicios o zelo inferior aos Militares, porque o serviço de Deos, e do seu Soberano peza-vaõ igualmente na sua consciencia. Obrigava-os a frequentarem as Confissoens, uzando sempre do poderoso artificio da docilidade, não do rigor do preceito. Quasi todos os mezes hia ao Castello, e na Capella de Santa Barbara lhes fazia huma dilatada practica, na qual sempre se via fallar o espirito por boca do zelo.

Nella

Nella lhes encomendava que como Soldados tinhaõ dobrada obrigação para fervirem a Deos, como unico Senhor dos Exercitos, e das Victorias: explicava-lhes em mais alto exercicio o modo, como se haviaõ fórmar para acommetter, e destruir debaixo da bandeira das virtudes a poderosa guerra dos vicios. Para saber o effeito, que estas praticas faziaõ, deo ordem aos seus Officiaes, que tirassem do Regimento huma rigorosa devassa sobre o procedimento dos Soldados, e observava-se tanto esta ordem, que indispensavelmente todos os mezes vinhaõ a sua caza depôr nesta materia, e segundo as informações premiava com augmentos, e elogios o procedimento de huns, e castigava com asperas reprehensões o de outros, que em sendo contumazes, mandava prender, e muitas vezes lançar fóra como indignos. Digaõ-no, por todos, aquelles dous Soldados, quando em o Alemtejo acharaõ nelle o castigo, que pediaõ as leys Militares à grandeza do seu delicto. Mataraõ estes de hu-

ma manada hum porco com tal infelicidade, que o Lavrador, sciente de que elles foraõ os authores, se queixou a D. Francisco; sentio este de tal modo aquelle delicto, como quem desejava, que os seus Soldados fossẽm no procedimento, como já eraõ na sciencia, o exemplo dos mais; e para dar huma prova da sua justiça, que a todos fosse horrorosa, depois de refarcir ao Lavrador da sua bolça a importancia da perda, mandou prender rigo-famente os Soldados; castigo, que experimentaraõ não pouco tempo; porẽm ao depois, vencendo as forças da piedade às da justiça, os mandou vir à sua presença, e com huma severidade, que podera suprir o rigoroso castigo, lhes disse, que naquella occasiaõ não uzava de mayor rigor, porẽm, que entendessem, como todos os mais, que se cahissem em semelhante culpa, não haviaõ contar da sua piedade segundo exemplo.

Neste incessante exercicio das Armas, e das Virtudes occupava D. Francisco Mascarenhas a sua vida para dar a este

este Elogio glorioso assumpto, quando os seus merecimentos o chamaraõ ao Oriente para restituir à Patria aquelle antigo respeito, que lhe alcançaraõ os Heroes do seu apellido. Do motivo, que houve para esta viagem daremos sucinta relação. Pelos annos de 1736. vio-se o veneravel Estado da India assombrado com repetidas invasoens do Maratâ, e Bonfulo, poderosos Regulos da Costa do Reyno de Decan, Vassallos em outro tempo do Graõ Mogol, invadindo o primeiro as terras do Norte, o segundo a Provincia de Bardês, ambos com forças taõ superiores às nossas no numero, como iguaes na disciplina. Os poucos Soldados, que guarneciaõ as nossas Praças, foraõ valerosos exemplares do antigo valor Portuguez, porque resistiraõ ao inimigo com braço taõ valeroso, que nunca este arvorou os troféos da victoria senaõ sobre os cadaveres dos seus mesmos Soldados; porèm os poucos meyo, com que nesta occasiaõ se achava o Estado, fizeraõ a hum, e outro inimigo das ter-

ras, que invadiraõ injustos Senhores, faciendo nellas com a liberdade de Regulos todo o odio de Gentios. Chegaraõ estas infauftas noticias aos Reaes ouvidos de Sua Magestade, o qual igualmente sentindo como Pay a vexaçã dos Vassallos, e como Religioso o barbaro dominio de taes inimigos, expedio varios socorros, entre os quaes foy o mais consideravel huma Esquadra de seis Náos de guerra, guarnecidas com quasi dous mil Soldados tirados das Trópas veteranas do Reyno, e providas de tudo o necessario para castigar a huns inimigos, unico escandalo do seu pacifico Reinado. Entrou Sua Magestade na consideraçã de buscar quem cõmandasse esta Esquadra, e dado, que no Reyno havia Cavalheiros, a quem ainda as cinzas frias dos seus antepassados exhalavaõ calor para as facçoens gloriosas, mereceo Dom Francisco Mascarenhas entre os mayores a Real eleiçã, nomeando-o Commandante dos quatro Batalhoens com Patente de Sargento mór de Batalha em 26. de Abril de 1740.

Acref

Acrefcentou-lhe a eſta mercè a de Conſelheiro de Eſtado no da India , e huma Cômenda da Ordem de Chriſto , de que já era Cavalleiro , ſituada na Caza da India , e mais huma tença de duzentos mil reis cada anno ; mercè , que Sua Mageſtade lhe commutou em outra , que elle meſmo pedio para ſua ſobrinha D. Magdalena Vicencia Mafcarenhas , hoje cazada com Luiz Guedes de Miranda , Senhor de Murça. Aceitou D. Francisco Mafcarenhas eſta mercè com raro contentamento , porque o ſervir à Patria era a inclinação do ſeu genio , a herança da ſua Familia , como já antes da publica nomeação havia moſtrado , porque perguntandoſe-lhe particularmente ſe teria duvida em paſſar ao Eſtado da India , reſpondeo , que no meſmo inſtante , em que aſſentára praça de Soldado , ſacrificára toda a ſua liberdade ao ſerviço da Patria ; reſpoſta , que ſe veria eternizada em huma eſtatua , ſe ſe deſſe nos ſeculos Romanos. O zelo da Religião , em que ſe abrazava como virtuoſo , era outro eſ-

timulo não menos forte, que o amor da Patria, como se sabe das respostas, que dava a sua Irmaã a Condessa de S. Tiago, quando por boca do amor o persuadia, a que não deixasse o Reyno, dizendo-lhe sempre, que como Soldado Catholico estava obrigado a pelejar contra huns inimigos, que infestavaõ com a peste do Alcoraõ os dominios da Igreja.

Se em D. Francisco Mascarenhas tivesse entrada a vaidade, podéra nesta occasiaõ desvanecerse do conceito, que tinhaõ os seus merecimentos, porque foy esta nomeaçãõ geralmente approvada, persuadindo-se todos, que só elle no Oriente havia cortar aquellas palmas, que ha tantos annos se viaõ sem exercicio glorioso. Para deixar aos seus parentes nesta partida hum fino final do seu amor, ou talvez para buscar mais livremente nos perigos da guerra o serviço da Patria, distribuío logo as suas rendas em varias tenças para suas Sobrinhas, e Irmaãs Religiosas, e duas criadas antigas da sua Caza, a quem deveo particular cuidado na sua infancia.

Nesta occasiã resolveo Sua Magestade mandar tambem successor a Pedro Mascarenhas, Conde de Sandomil, que entre as invenciveis tormentas dos Barbaros, e da fortuna, governava aquelle Estado com tanto credito do seu caracter, que deve a retidaõ da Patria fazer ao seu governo os mesmos elogios, que ja dedicára a sua espada nas Campanhas. Mereceo sêgunda vez a Real nomeaçã, e com ella a grandè mercè do Titulo de Marquez do Louriçal, D. Luiz Carlos de Menezes, Conde da Ericeira, Cavalheiro herdeiro das virtudes do seu Apellido, porque os rasgos da sua penna o fazem taõ respeitado, como os da sua espada.

Amanheceo o dia 7. de Mayo de 1740. e como o vento era favoravel para a navegacã, se embarcou D. Francisco Mascarenhas em a Náo N. Senhora do Carmo, e o Marquez Vice-Rey em a de N. Senhora da Esperança, que servia de Capitania, e no mesmo dia desferrou do Porto toda a Armada. Principiáraõ logo os ventos brandos, e escaços a go-
ver.

vernarem mal as Náos , e ao mesmo tempo as doenças a fazer infeliz a viagem ; as que menos experimentáraõ estes dous grandes danos era a de D. Francisco Mascarenhas , e a Capitanía , em que hia o Marquez Vice-Rey , motivo porque este por voto dos Pilotos de toda a Esquadra , largou a conserva das outras Náos , considerando , que assim o pedia tanto o serviço da Magestade , como o interesse do Estado. Com esta resolução se separáraõ as duas Náos em 18. de Julho , e dobráraõ o Cabo da Boa Esperança a 8. de Setembro. As doenças , que as outras Náos padeciaõ , entráraõ a experimentar tambem estas com tal excesso , que só a de D. Francisco Mascarenhas chegou a contar mais de quatrocentos doentes.

Foy nesta occasiaõ o mar o teatro , em que este piedoso coração fez mais publicos os incendios da sua inimitavel caridade ; bastando qualquer delles , para que o agradecimento da Patria nos sagrados Fastos dos seus Varoens pios lhe es-

cre-

crevesse eterno Elogio. Parecia que nesta occasiãõ, como em outro tempo, andava sobre as agoas o Espirito de Deos, que respirava D. Francisco Mascarenhas em todas as acçoens da sua grande caridade. Via-se, quando deu a sua Camara para Hospital dos enfermos, escolhendo para dormir outra, que seria indecente, ainda àquelles, a quem o nascimento faz no mundo humildes. Via-se este Divino Espirito, quando este Cavalhero distribuio pelos doentes todo o fresco, que para si levava, chegando em quasi toda a viagem a comer biscouto preto em lugar de paõ, a fim de a poupar a farinha para elles, e ter a sua rara caridade continuadas occasioens de favorecer, naõ menos de admirar. Via-se, quando para o uso destes mesmos deu toda a sua roupa com huma piedade taõ generosa, que bastará dizer-se, que chegou a Goa com huma só camiza; acção, que se a melhor penna a pertender dignamente louvar, ha de ver que as expressoens mais elevadas ficaõ taõ humildes, como se as escrevesse a inveja.

veja. Via-se finalmente, quando dizendo-lhe em huma occasião o enfermeiro, que já não havia camas para os doentes, mandou que lhe tirassem da sua propria cama os colchoens, e que lhos dessem, ficando dalli por diante em todo o dilatado tempo da viagem dormindo sobre huma taboa com affombro de todos, que consideravaõ assim a grandeza do posto, como a da pessoa. Sirva de eterno, e veneravel padraõ à sua ardentissima caridade a acção, que obrou com hum Soldado, a qual foy taõ heroicamente elevada, que já outras semelhantes collocaraõ a muitos justos em o sagrado numero dos Santos. Adoeceo este de hum mal chamado escurbutico, que ao depois infestou a hum consideravel numero de pessoas: viraõ os Cirurgiaens, que este mal por ser contagioso era facilissimo a communicarse, e deraõ ordem, que por este motivo se separasse dos mais doentes. Soube D. Francisco Mascarenhas desta resoluçaõ, e considerando, que o tal enfermo não tinha parte commoda, onde se

se podesse curar, taõ altamente se abra-
zou na caridade, que o levou para a sua
mesma Camara, em que dormia, naõ re-
parando a sua virtude no evidente dano,
que lhe podiaõ causar as contagiosas ca-
lidades daquelle mal. Naõ se effeituou
esta acção, porque os Cirurgiaens resol-
veraõ, que os ares da sua Camara mais
eraõ conducentes para augmentar, que
diminuir o mal àquelle enfermo, o que
ouvindo D. Francisco mandou, que se
lhe fizesse a cama junto à porta da sua
mesma Camara, assim pelos ares serem
naquella parte mais benignos, como pa-
ra lhe poder assistir mais promptamente,
o que fez com huma caridade taõ rara,
que ainda os que a prezenciáraõ, a naõ
fouberaõ explicar. Naõ se limitava a ef-
te só enfermo a sua caritativa assistencia,
porque naõ cabe neste breve papel, me-
nos em todas as exprefsoens, relatar a vi-
gilancia, com que tratava de todos, dan-
do-lhes muitas vezes os remedios por suas
mãos, nunca taõ illustres, como quando
se occupavaõ em acto taõ piedoso. Naõ

se póde explicar o zelo , com que obrigava aos fãos a que lhes fizessem a mayor assistencia , nem o com que recomendava aos Capellaens , que tivessem com os moribundos o mayor cuidado , para que foubessem como Soldados de Christo triunfar da morte ; e era nesta parte taõ ardente o seu zelo , que o podéra santamente invejar o Missionario mais Apostolico. He impossivel referir o interior sentimento , que lhe causava a noticia da morte de algum , pois derramava tantas lagrimas , quantas choraria o amor de hum pay pela falta de hum filho. Nesta acção para se mostrar inter necido , queria deixar de parecer Heroe na intelligencia daquelles que dizem , que as lagrimas são mais manchas , que afeão , do que cores , que avivaõ a figura da heroicidade verdadeira. Naõ se podem finalmente descrever os divertimentos , que descobria para divertir aos convalescentes , mandando-lhes tocar varios instrumentos , e exercitando atè nesta parte a sua grande caridade , pois muitas vezes

jo-

jogava com elles com tanta affabilidade, como paciencia. A grandeza desta acção só a podem dignamente avaliar aquelles, que por natural altiveza a não haviaõ fazer, reputando-a de froudo, quando não fosse desprezo, à distincção do seu nascimento. §

Com os exercicios da sua caridade não se esquecia D. Francisco Mascarenhas dos da sua applicação. Alli praticou o estudo da Manobra com mais particular disvelo; alli observou mais exactamente os mysterios da Nautica, servindo o seu estudo nesta sciencia aos Pilotos humas vezes de admiração, outras de conselho. A mesma applicação lhe deveo o estudo militar, mostrando quando recordava, o mesmo disvelo, com que aprendera. Frequentemente instrua os Soldados nas obrigaçoens do seu officio, que deviaõ praticar no mar, em quanto o permitiaõ as inclemencias dos elementos, que quasi continuamente padeciaõ. Era tal a sua vigilancia em saber se estes praticavaõ devidamente as

fuas obrigaçoens , que nenhuma falta lhe era occulta , a qual logo castigava com castigo correspondente à sua grandeza , premiando pelo contrario com honras , e elogios aquelles , que sabião desempeñar as obrigaçoens do seu posto. Para provarmos esta verdade nos deixou huma acção digna de melhor seculo , para se ver perpetuada naquelles Fastos Romanos , nos quaes eraõ estatuas as letras , com que se escrevia. Intentou hum Cabo de Esquadra romper as ordens de huma Sentinella , querendo passar por huma parte , em que havia impedimento ; naõ consentio o Soldado , e fez todas as forças por observar as ordens , que lhe haviaõ dado ; o que sabendo D. Francisco Mascarenhas , mandou chamar o Cabo , e o castigou taõ asperamente , como merecia o seu atrevido procedimento ; e para seu mayor castigo fez tantas honras à Sentinella , que huma dellas foy convidalla para jantar com elle à sua meza , na qual lhe deo o melhor assento , e lhe ministrou o comer nos pratos por sua propria

pria mãõ , dizendo-lhe no fim que aquella demonstraçaõ ainda naõ era o que pedia o seu desejo , nem o que merecêra a acçaõ , que fizera , porque desejava premialla de tal modo , que servisse a huns de exemplo , a outros de vergonha.

Nestes louvaveis exercicios hia D. Francisco Mascarenhas servindo a Deos , e à Patria , quando as fataes inclemencias dos mares , e das doenças o obrigaraõ , como tambem ao Marquez Vice-Rey , a buscar a grande Ilha de Madagafcar , que a nossa piedade fez veneravel com o nome de S. Lourenço , e deo nella fundo em 8. de Outubro. Logo no seguinte dia foy D. Francisco Mascarenhas a terra acompanhado do Padre Alexandre Cabral da Companhia de JESUS a fazer provimento de gallinhas para os doentes , as quaes comprou à sua custa , no que fez consideravel despeza. Passou de caminho a vizitar ao Rey , e Rainha daquella Ilha , os quaes o trataraõ com tal affabilidade , que mais pareciaõ Principes de terras civilizadas , que de mattos incul-

incultos. Acabada esta vizita voltou D. Francisco Mascarenhas para a Náo com o provimento, que comprára, e no seguinte dia tornou a vizitar a estes Principes, aos quaes presenteou com cousas, que a raridade faz serem da mayor estimação naquelle Paiz, e recolhendo-se à Náo lhe correspondeo o Rey com outro presente, que eraõ duas vacas de taõ extraordinaria grandeza, que causou admiração a todos, as quaes D. Francisco estimou mais por servirem para o uso dos doentes, que por serem dádiva daquelle Principe. A este presente se seguiu logo o da Rainha, que era hum capão muy differente dos da Europa, assim no gosto, como na grandeza, presente, de que naquellas terras se faz o mayor apreço. No porto desta Ilha estiveraõ as Náos de D. Francisco Mascarenhas, e do Marquez Vice-Rey furtas tres dias, no fim dos quaes buscando a commodidade dos enfermos se fizeraõ à vela para a Bahia de Santo Agostinho na mesma Ilha, onde no fim de tres dias deraõ fundo. Foy logo

logo D. Francisco Mascarenhas a terra buscar sitio, em que se accommodassem os doentes, e achando-o proporcionado o mandou preparar, e cobrir com a vela grande da Náó, o que tudo prompto fez desembarcar a todos os doentes, que excediaõ o numero de trezentos e oitenta. A beneficio dos ares, e dos mantimentos deste Paiz se viraõ todos inteiramente restituidos à sua antiga saude, o que a D. Francisco causou taõ grande gosto, como se tambem elle entrasse naquelle numero. Outra vez havemos passar em silencio o muito que a caridade deste Cavalhero se fez nesta occasiaõ admirável: nada diremos da grande despeza, que fez com todos os doentes; nada do amor, com que todos os dias os vizitava; nada finalmente da vigilancia, que tinha, em que nenhum delles padecesse no trato, dormindo para este fim muitas vezes em terra, em cujas occasioens era elle o melhor enfermeiro: referir estas cousas seria repetir o mesmo, que já temos escrito.

Nesta

Nesta Ilha com a recuperaçãõ dos danos, que os ares fizeraõ na equipagem, se reparáraõ tambem os que os mares obráraõ em as Náos, reformando o Vice-Rey na Capitania o destroço dos mastos, e D. Francisco Mascarenhas na sua o da agoa, com que já fahíra de Lisboa, o que concludo se fizeraõ à vela aos 11. de Novembro com esperanças de vencer as difficuldades de navegaçãõ taõ prolixa. Aos 5. de Janeiro de 1741. passou D. Francisco a Linha para a parte do Norte em conserva da Náo do Vice-Rey, e a 9. do mesmo mez avistou a terra da Costa da Deserta. Achou alli a monçaõ virada em contrario, e começando a bordejar, fez todas as forças para continuar a viagem para Goa. Foy frustrada toda esta diligencia, porque a grande falta de mantimentos, e agoa, que se experimentava, e o consideravel numero dos convalescentes, que recahiraõ, faziaõ hum embaraço invencivel à viagem; o que considerando D. Francisco Mascarenhas mandou em 14. do dito mez fazer hu-

humã exacta lista do resto de todos os mantimentos, e vendo que estes apenas chegavaõ para 15. dias, dando-se meya reçaõ, representou ao Marquez Vice-Rey aquella consternaçaõ, pedindo-lhe, que ou lhe dèsse mantimentos para continuar a viagem, ou licença para se hir refazer em algum porto, a qual obtendo, voltou a proa para a Ilha de Moçambique, e nella deu fundo em 25. do mesmo mez de Janeiro. ⁹ Aqui se deteve atè dezefete de Março sempre occupado em continuos exercicios de caridade, humas vezes tratando dos doentes, outras cobrindo de piedosa terra os mortos, que entre todos chegáraõ ao numero de cento e quinze. Estes actos de piedade deixamos para discorrer ao Leitor, que virá no conhecimento da sua grandeza, medindo-os pelos outros muitos, que havemos referido. Nesta Ilha accommeteo a D. Francisco Mascarenhas humã grave doença, entendo que procedida, assim da continua assistencia, que fazia aos doentes, como do pouco cuida-

do, com que tratava de si: cedeo esta aos remedios, e contando poucos dias de convalescente chegou a monção, e logo se fez na direitura de Goa. A contrariedade dos ventos lhe fez buscar a barra de Murmugaõ, a qual ferrou em 17. de Mayo de 1741. contando hum anno, e dez dias de taõ penosa viagem, que em as noffas memorias Orientaes se naõ encontra semelhante. Apenas desembarcou, logo arrebatado dos impulsos, que lhe causava em seu coração naõ menos o seu agradecimento, que a sua inclinação virtuosa, buscou a Igreja Parochial daquella Fortaleza para render a Deos as graças de o haver livrado dos horrorosos perigos, a que tantas vezes se vira exposto em taõ dilatada viagem. Nesta oração gastou dilatado tempo, e mais nella se detivera, se a caridade o naõ chamasse, porque logo pessoalmente foy da sua bolça comprar grande numero de galinhas, e levou-as aos Soldados doentes, aos quaes a falta destas, e outros remedios tinhaõ conduzido a deploravel estado.

do. Soube da sua chegada o Padre João Antunes , Religioso da Companhia de JESUS, e Parocho daquella Fortaleza, e logo o buscou, pedindo lhe com efficazes rogos, que quizesse ser seu hospede; attençaõ que Dom Francisco agradeceo cortezmente, e não aceitou, dizendo, que como os seus Soldados ficavaõ em a Náo , era escandalo para o seu cuidado deixar de os acompanhar. A's cortezes attençaõs deste Religioso correspondeo D. Francisco Mascarenhas com hum presente de coufas do Reyno, de que naquellas terras se faz particular apreço, o qual só na grandeza do seu animo não foy reputado grandioso. Chegou ao Marquez Vice-Rey a noticia desta chegada, e logo mandou ordem, que os Soldados ficassẽ guarnecendo aquella Fortaleza; porẽm D. Francisco Mascarenhas consultando a sua piedade, e vendo que estes pelo miseravel estado, em que se achavaõ, só deviaõ ser levados para o Hospital, e não para a Fortaleza, não deu à execuçaõ esta Ordem, antes os mandou

conduzir a Goa para alli serem curados; interpretando deste modo piedosamente a vontade do Vice-Rey, o qual como igualmente piedoso logo approvou esta resoluçaõ pela mais acertada.

Nesta Fortaleza se deteve D. Francisco Mascarenhas tres dias, sendo comprimentado de todos os Fidalgos, e pessoas distinctas, huns levados das razoens do sangue, outros das da cortezia. Depois de dar providencia a tudo, o que era preciso, e de ter cumprido exactamente com todas as obrigaçoens do seu posto, se embarcou em hum Balaõ, em que o fora buscar Dom Luiz Caetano, General das Prayas, e acompanhado deste, e outros muitos Cavalheros, foy para Pangim, duas leguas distante de Goa, e alli se demorou alguns dias no Hospicio dos Religiosos da Companhia de JESUS, onde foy tratado daquella Religiosissima Familia com a distincçaõ, que pediaõ as razoens de Cavalheiro, e de Bemfeitor. Acompanhado da mesma comitiva se embarcou para

para Panelim, residencia do Marquez Vice-Rey, onde chegou pelas quatro horas da tarde do dia 23. de Mayo. Festejaraõ todos a sua chegada com alegria taõ excessiva, como pedia a felicidade de verem, que na sua pessoa lhes entrava pelo Estado a victoria, que contra o presente inimigo lhes havia alcançar o seu braço, naõ menos o seu nome. Lembravaõ-se todos, quanto o nome de Mascarenhas fora igualmente respeitado, e temido em todo o Oriente, humilhando a foberba dos seus Principes com taõ affinalados triunfos, que entre nõs as Historias os contaõ com gloria, entre elles a tradiçaõ com injuria. Lembravaõ-se das raras acçoens de hum D. Joaõ Mascarenhas, aquelle singular Heroe, que ainda Portugal naõ soube estimar, aquelle, que parece fora só criado para açoute do Oriente, de que saõ vencidas testemunhas os poderosissimos exercitos de Çofar, e seu filho Rumeçaõ no segundo cerco de Dio, de quem só o seu braço foy o muro mais invencivel. Lembravaõ-se de
hum

hum D. Pedro Mascarenhas, aquelle Varão muitas vezes superior ao mayor encarecimento, que em huma pequena Armada guarnecida de pouca gente destruiu de tal modo a El-Rey de Paõ, que o obrigou a fazer do Sertão a sua Corte, ou como envergonhado, ou temeroso. Traziaõ à memoria hum D. Manoel Mascarenhas, verdadeiro rayo da guerra, quando em o mar venceu gloriosamente aos Turcos, e não satisfeito com este castigo, abrazou-lhes as Náos, para que em cinzas escrevessem o seu estrago, ou soubessem as suas victorias todos os Elementos. Conservavaõ presentes na memoria a total destruição, que padeceo nas suas terras o rebelde Nanyque executada pelo valor de D. Jeronymo Mascarenhas, chegando a ruina a tanto excessõ, que obrigou ao Tyranno a fogir para os bosques, causando-lhe menos horror as feras, que tal braço. Sabiaõ o que fora o Vice-Rey D. Francisco Mascarenhas Capitaõ mór do mar da India, das Fortalezas de Sofala, Moçam-

çambique, e Chaul, onde obrou proezas taõ singulares, que naquelle tempo atemorizarão a Azia, hoje fazem veneraveis as Historias. Lembravaõ-se de hum D. Gil Mascarenhas, quando reduzio a merecidas cinzas a Cidade de Calicut, e naõ reputando só esta acçaõ digna da sua justa vingança, ateou o mesmo incendio às Villas de Panane, Calegate, e à Ilha de Daruti. Passavaõ finalmente pela memoria outros muitos Heroes deste veneravel apellido, que a fazermos delles mençaõ, seria preciso contar todas as nossas victorias do Oriente; e esta saudosa lembrança os obrigava a romper em excessos de prazer, seguros, de que D. Francisco Mascarenhas havia resuscitar taõ illustres feitos, como glorioso fruto de huma arvore, que naõ degenéra. / 0

Foy logo comprimentar ao Marquez Vice-Rey, que o recebeu com aquella attençaõ, que merecia o respeito, que lhe dava igualmente a qualidade do seu nascimento, e do seu posto. Acabada esta vizita se recolheo ao seu Palacio,

cio, que o mesmo Marquez Vice-Rey lhe mandára preparar magnificamente, e no mesmo dia o banqueteu este tão esplendidamente, que a delicadeza era emula da profusão. Concorrerão logo as pessoas mais distinctas das Jerarquias Seculares, e Religiosas a vizitar a Dõm Francisco Mascarenhas, dando-se todos a si os parabens, quando os davaõ à sua chegada: introduziaõ sem lisonjeiros termos nos cumprimentos, que lhe dedica-vaõ victoriosos vaticinios ao Estado, futuras glorias ao seu valor. Os que mais se distinguiraõ nesta obsequiosa attençaõ foraõ os Religiosos da Companhia de J E S U S, ou lembrados das obrigaçoens, que deviaõ à sua pessoa pelas frequentes, e copiosas esmolas, com que os favorecia no Reyno, ou das que eraõ devedores à sua Familia, considerando, que o grande Vice-Rey daquelle Estado D. Pedro Mascarenhas, sendo Embaixador em Roma, fora quem os trouxera a Portugal, para dilatarem no Oriente, como invenciveis Soldados de Christo, o

fir-

firme Imperio da Igreja.

Passarão alguns dias sem que se desse à execução o intento de castigar os roubos, que o poderoso Regulo Bonfulò fizera ao Estado, porque se esperou que os Soldados convalescessem, huns da doença, outros do trabalho de tão custosa viagem. Estava destinado para o dia 9. de Junho o principio de tão gloriosa acção, porque nelle receberão todas as Trópas, assim do Reyno, como do Estado, ordem do Marquez Vice-Rey para marcharem para Carepa, planicie na Ilha de Choraõ, fronteira à terra firme. Neste dia, vadeado o rio, se ajuntou nesta parte todo o exercito, que fazia o numero de 3U100. homens, 2U200. Portuguezes, em que entrava alguma gente do mar para o uso da artelharia, e 900. Gentios, a quem chamaõ Sipaes, que estaõ ao soldo do Estado. Commandava estas Trópas como General Manoel Soares Velho, e como Sargento mòr de Batalha D. Francico Mascarenhas, Posto, que ouvimos dizer lhe naõ dava a superiorida-

de da sua Patente; porèm lembrado, de que a heroica maxima de seus incomparaveis ascendentes fora sempre antepor o credito da Patria ao proprio, fez com que na sua prudencia se admirasse silencio, o que devia ser disputa. Para provarmos, que o publico interesse, e não os seus augmentos, era quem unicamente agitava os seus espiritos para facção tão illustre, sirva de rarissima testemunha aquella heroica acção de querer constantemente hir à peleja como Soldado razo, o que teria effeito, se prudentes reflexoens o não vencessem. Se as idades passadas nas vidas de seus Capitaens mais famosos se podessem desvanecer com huma acção tão illustre, não sabemos para agradecimento, que novo premio excogitariaõ. /2

Nesta Ilha se deteve D. Francisco Mascarenhas até o dia 12. de Junho, no qual com todas as Trópas se embarcou para se transportar pelos rios de Goa a Aldoná, Cabeça da Provincia de Bardês. Não foy este transporte feliz, porque nelle beberaõ miseravelmente a morte

cin-

cincoenta e seis Soldados veteranos das duas Companhias de Granadeiros de Cascaes, e do Algarve; fatalidade, que penetrou taõ vivamente o coração de D. Francisco, como pedia em tal occasiãõ a qualidade dos mortos, que elle levava como fiadores mayores da futura victoria. Logo neste dia entrou D. Francisco Mascarenhas a dar singular assumpto à sua fama, heroico exercicio ao seu valor, fazendo que se admirasse nelle na primeira acção militar, em que se achava, o que nas memorias dos Capitaens illustres raras vezes se encontra, porque levado mais do seu valeroso espirito, que da obrigaçãõ do seu posto, atravessando hum estreito rio, passou a Corjuem, onde montado a cavallo foy a hum outeiro, que estava perto da Fortaleza inimiga a examinar as forças, com que se achava, e a parte mais propria por onde se havia atacar, sem que o assustassem, nem ainda levemente, os continuados chuveiros de balas, que os inimigos despediaõ; pois andava entre ellas com taõ estranho

valor, que parecendo-lhe que muitas lhe apontavaõ à cabeça, nem esta abaixava, para que não acertassem o alvo, a que se dirigiaõ. Feito o exame, se recolheu D. Francisco Mascarenhas ao seu Quartel, onde disse ao General a parte por onde lhe parecia, que mais facilmente se podia avançar aquella Fortaleza; conselho, que logo este approvou, como todos os mais, que houveraõ no discurso de toda aquella acção, porque lhe respeitava a sciencia, ainda com mais veneraçoes, que a pessoa.

Amanheceo o dia 13. de Junho, e como era dedicado a Santo Antonio, Padroeiro, e Defensor de Portugal, passou o General, e D. Francisco Mascarenhas com as Trópas para a Ilha de Corjuem pelas três para as quatro horas da tarde, firmes de que era hum certo argumento da victoria dar-se principio a acção em taõ fausto dia. Formou-se logo o exercito, e poz-se em marcha a buscar o inimigo, que estava na Fortaleza, hindo D. Francisco Mascarenhas na frente igualmente

mente para os animar, e instruir. Sobre a mesma marcha affaltou-se logo a Fortaleza com pouca resistencia dos inimigos, porque o estrondo das nossas armas fez nelles huma impressãõ taõ horrorosa, que fogiraõ por huma porta falsa, de que já se preveniraõ para a sua retirada, deixando-nos a Ilha com a Fortaleza, e dando-nos a victoria sem fangue, se menos gloriosa, mais util. Nesta occasiaõ só foraõ despojo da vingança das nossas espadas sete dos inimigos, porque já os mais haviaõ buscado a terra firme atravessando hum rio, no qual affogados morrerãõ muitos pela ancia de cada hum querer ser o primeiro em salvar a vida. Guarnecida a Fortaleza com duas Companhias, voltou D. Francisco Mascarenhas no mesmo dia com o exercito para Aldonà a descansar do trabalho, ainda que pouco, com que se conseguira a victoria.

No seguinte dia pela manhaã marchou com o exercito, correndo a Provincia de Bardês pela beira do rio a buscar o inimigo em outras Fortalezas. Che-
 gou

gou ao Forte Novo, e já o achou desamparado sem gente alguma; deste passou ao de Teví, e achou-o do mesmo modo, porque como hum, e outro pela situação, em que estavaõ, não podiaõ dar livre saída ao inimigo para fogir, não quiz este expor-se a experimentar os fios das nossas espadas. Aqui descansaraõ as Trópas para jantar, o que feito, logo se tornaraõ a pôr em marcha para o Forte de Culuale, onde o inimigo empenhava as suas mayores forças. Acharaõ a este defendido com quatro baluartes, e dezeseis canhoens, e circunvallado de huma trincheira formada de faxina, guarnecida de muita artilharia, e mais de mil Soldados, todos valerosamente empenhados no brio de morrer pela sua defensão. Mandou o General dividir o exercito em dous corpos para atacar o Forte, commandando o primeiro, que havia investir a trincheira, D. Francisco Mascarenhas, e o segundo, que havia atacar hum dos lados, o Coronel Dom Luiz de Pierrepont. Nesta ordem marcharaõ as nossas Trópas, e a pouca distan-

distancia se avistaraõ com o inimigo. Foy o combate furioso, porque a resistencia era emula da invasaõ. Pelejavaõ os nos-
fos, ou como verdadeiros imitadores do antigo valor Portuguez, ou do que admiravaõ em D. Francisco Mascarenhas, fervindo igualmente Soldado, e Cõmandante para satisfazer a seus heroicos espiritos. Era verdadeiramente cousa digna de admiraçaõ ver a este Cavalhero na força do mayor conflicto, humas vezes pelejando com valor taõ estranho, outras dizendo, o que se havia fazer, com tal acordo, e sciencia, que tanto se fazia temer Soldado, como Commandante. Naõ houve perigo, a que destemidamente senaõ expuzesse, naõ houve acçaõ, que valerosamente naõ emprehendesse; mostrando naquella occasiaõ mais vivamente, que era herdeiro daquelle valor, com que os seus Mayores fizeraõ, que o Oriente vencido fosse o pedestal, em que eternamente se firmassem as estatuas aos seus nomes. A taõ raro valor correspondiaõ os inimigos ao principio com vigo-
rosa

rosa resistencia , empenhados na sua defenſa a fazer mais illuſtre a victoria , mais pezado o caſtigo ; porẽm foy taõ horroroſo o diluvio de fogo , que lança-raõ as peças de Vinholtz , que deſcompoze-raõ a trincheira. Toda a ordem , e diſpoſiçaõ deſta artelharia foy de **D. Francisco Mascarenhas** , porque era unicamente o inſtruido no uſo deſta nova invençaõ , como tantas vezes moſtrou nos exerci-cios , que fazia ao ſeu Regimento no Forte do Sacramento de Lisboa.

Com eſta ruina , os inimigos atten-dendo mais à vida , que à honra defam-pararaõ a trincheira , e lança-raõ-ſe ao rio por huma porta falſa , de que já ſe haviaõ prevenido , buscando em hum elemento remedio ao eſtrago , que outro lhes pro-metia. Com occaſiaõ taõ opportuna quiz **D. Francisco Mascarenhas** , que o noſſo valor ſobiffe ao teatro da ſua gloria , e inveſtio com os Granadeiros Portugue-zes o ataque do Forte com reſoluçaõ taõ deſtemida , que o levou do primeiro af-falto. Por eſte caminho , que abriu o va-
lor

lor, entraraõ logo os outros Soldados, e passando tudo, o que acharaõ, à espada, executaraõ as liberdades da victoria: poucas foraõ as victimas, que à nossa justa vingança offereceraõ as nossas espadas, porque já a mayor parte dos inimigos imitando aos outros seus companheiros se haviaõ tambem lançado ao rio; porém ainda nelle experimentaraõ hum inferido castigo, porque huns occupados do medo, e levados do desejo de salvar as vidas, beberaõ a morte, e outros com varios tiros, que lhes despediamos de terra, lançaõ entre as agoas o ultimo alento; unindo-se naquella occasiaõ dous elementos taõ contrarios, para fazerem mayor o seu estrago, mais facia-da a nossa ira. Este castigo taõ justo, como horroroso, fez abrir as portas aos outros Fortes de Bardês para os inimigos fugirem, como fizeraõ, menos zelosos do credito, que da vida, restituindo-nos toda aquella Provincia sem perda nossa, pois de 3 U100. homens, de que se compunha o exercito, só dous Sipães

nos morreraõ no conflicto.

Acabada taõ gloriosa Batalha, na qual a Religiaõ tanto se honrou, como a Patria, mandou D. Francisco Mascarenhas aquartelar as Trópas nos quarteis da mesma Fortaleza, onde estiveraõ atè 17. de Junho descansando do trabalho, com que em dous dias recuperámos, o que os inimigos nos roubaraõ em dilatado tempo. Aqui recebeo D. Francisco Mascarenhas huma Carta do Marquez Vice-Rey, na qual mandava, que as Trópas se recolheßem aos quarteis, a que pertenciaõ, e depois com expresssoens novas de louvor mais lhe agradecia, do que se congratulava da victoria; pois naõ duvidou affirmar, que o seu braço fora o principal instrumento, que desaggravara a Coroa Portugueza dos insultos daquelle inimigo: foy desgraça, ou fortuna de D. Francisco Mascarenhas, que estes louvores, sendo os mayores, ainda fossẽm para o seu merecimento diminutos.

Consideraraõ neste tempo os inimigos se haviaõ continuar a guerra, e

todos resolverão negativamente , affirmando que haviaõ ser fataes despojos da nossa ira , porque ainda se não extingui-
 ra aquelle valeroso fogo , com que anti-
 gamente abrazámos a Azia , de que ha-
 via pouco tempo démos huma prova tão
 evidente , como vergonhosamente publi-
 cavaõ as bocas das suas feridas. Com es-
 ta resoluçaõ , que aconselhou o medo ,
 intentaraõ ajustar pazes , que depois de
 repetidas instancias se lhes concederaõ
 com Artigos tão honrosos , e uteis para
 o Estado , que haõ de fazer eternamen-
 te veneravel a memoria do Vice-Rey
 nos Fastos do Oriente. /5

Concluido este negocio partio D.
 Francisco Mascarenhas da Ilha de Cho-
 raõ , onde esteve alguns dias , e passou a
 Goa. Entrou naquella memoravel Ilha
 tão costumada a ver , e applaudir vence-
 dores , recebendo geralmente de todos
 merecidas acclamaçoens , que por obri-
 gados rendiaõ mais em obsequio da pes-
 soa , em quanto benemerita , que illustre.
 Em publicas vozes confessavaõ todos ,

que o seu braço fora o flagelo, que castigára o barbaro atrevimento do inimigo; fora, quem resuscitara no Oriente aquelle primitivo valor Portuguez, a quem havia sepultado, ou a desigualdade dos premios, ou a dos tempos. Publicavaõ ultimamente, que sendo o segundo no mando, fora o primeiro na victoria, que pela sua mão lhes mandara o Senhor dos Exercitos. Que muito que os naturaes se mostrassem agradecidos ao seu valor, se o mesmo inimigo Bonfuló, e seu Irmaõ Nagobá em tres cartas, que lhe escreve-
raõ, lhe louvaraõ o valor, com que se houvera, com expressoens taõ honrosas, e civis, que nem pareciaõ de Barbaro, nem de inimigo? Estes Epinicios, que naõ inventava a lisonja, que extraordinaria vaidade naõ causariaõ a outros Capitaens illustres, se fossem dedicados aos seus triunfos! Só D. Francisco Mascarenhas os ouvia sem o mais leve final de desvanecimento, naquellas occasioens taõ commum, porque a grandeza da sua virtude fazia-lhe parecer pequena a grandeza
deza

deza do seu merecimento.

Acabados os exercicios militares entrou D. Francisco Mascarenhas a praticar os virtuosos, dedicando-se todo, se antes ao serviço da Pátria, agora ao das virtudes. Como a mudança de Portugal ao Oriente só o fez mudar de terra, e não de vida, alli continuou com as suas acçoens virtuosas a dar assumpo à admiração de todos. Alli as Igrejas lhe veneraraõ, como as de Lisboa, a mesma devoção, ou fosse nos muitos exercicios de oração, que nellas fazia, ou nas frequentissimas occasioens, em que se confessava. Alli o seu corpo sentio as mesmas penitencias, com que o affligiaõ igualmente os jejuns, e os cilicios. // Alli admiraraõ todos o mesmo desprezo, com que em Lisboa tratava a sua pessoa, andando sempre a pé, e não consentindo, que se lhe fizessem as honras militares, que lhe eraõ devidas, quando entrava em alguma Fortaleza; cousas taõ raras naquelle Estado em pessoas do seu caracter, que na opiniaõ de muitos parecia inde-

cen-

cencia. Alli os pobres experimentaraõ a mesma affluencia de esmolas, que lhes dava todos os Sabbados em taõ grande numero, quanto era preciso para huma terra, em que os pobres se contaõ pelos moradores. Alli finalmente os Soldados o tornaraõ a experimentar Pay em todas as occasioẽs das suas necessidades com esmolas taõ cópiosas, como frequentes, o que póde testificar aquella Companhia de Soldados, que perdendo miseravelmente no mar todo o seu fato, e hindo lamentar-se-lhe do miseravel estado, em que se viaõ, os favoreceo a todos com dinheiro para comprarem o de que mais necessitassem: podem tambem testificar os seus criados, aos quaes deu ordem, para que dessem jantar, cea, e cama a todo o Soldado passageiro, que chegasse à porta; acçaõ, a que estes muitas vezes corresponderaõ, dizendo em altas vozes: *viva o Senhor D. Francisco Mascarenhas nosso Pay, porque ainda naõ veyo à India, quem fosse taõ amigo dos Soldados.* Se às idades vindouras podessem chegar estes brádos, seria desnecessario
o pre-

ELOGIO. III

o pregaõ deste Elogio, para se conservar o seu Nome sempre vivo na memoria de todos.

No principio de Julho quiz Dom Francisco Mascarenhas mudar de ares por naõ serem os de Panelim os mais faudaveis, e passou para a Provincia de Salfete a assistir em huma das Cazas dos Religiosos da Companhia de JESUS, que o haviaõ muitas vezes convidado. Esteve em o Collegio de Rachol alguns dias, sendo em todos tratado por aquelles Religiosos, mais com amor, que grandeza, porque vendo que estes o queriaõ hospedar com distincçaõ, pedio-lhes que em tudo quera fer tratado como Irmaõ. *fb* Aqui frequentissimamente era vizitado de muitos Cavalheros, e pessoas graves, e Religiosas, e como estas vizitas mais as recebia o seu genio com violencia, que agrado, porque o privavaõ dos seus devotos exercicios, resolveo passar a Sancole, onde ja havia estado, quando passou para Rachol. Aqui esteve alguns dias em companhia do Padre

dre

dre Manoel de Figueiredo , Religioſo Jezuita , e Vigario daquella Fregueſia , com quem no Reyno contrahira huma eſtreitiffima amiſade , atè que chegando a veſpera de Santo Ignacio voltou com o dito Padre para Goa a aſſistir à feſta deſte grande Patriarcha. Acabada eſta , inſtou o Padre , a que tornaffe para Sancole , porèm D. Francisco agradecendo-lhe o amor , continuou a fazer em Panellim a ſua reſidencia.

Corria o mez de Agoſto , quando a tirania da morte o accommetteo com huma Diarréa taõ perigofa , que logo todos ſe perſuadirãõ , que era prognõſtico da ſua morte. Recebeo D. Francisco Mascarenhas eſta doença com Catholica conſtancia , e admiravel quietaçaõ de eſpirito , ainda ſabendo , que eſta lhe trazia aquella formidavel hora , em que eſtaõ temeroſas as mais sólidas virtudes. Antes dos Medicos pedio o Confefſor , cuidando como Chriſtaõ primeiro na faude eterna , que na mortal. Applicados os remedios da alma , ſe entregou àquel-
les,

ELOGIO. 113

les , que para taes doencas prescreve a medicina. Naõ faziaõ estes o desejado effeito , porque o mal criava sempre maiores forças ; pareceo conveniente o mudar de sitio , e logo os Religiosos da Companhia de J E S U S fizeraõ com elle as mais poderosas instancias , a que fosse para o seu Collegio de S. Roque. Aceitou D. Francisco Mascarenhas o offerecimento mais para remedio da sua alma , que do seu corpo , porque como estava persuadido , que brevemente entrava nas tormentas da morte , queria que lhe assistissem taõ seguros Pilotos.

Desejára que as minhas expressoens , para fazer às idades mais recomendavel este Elogio , soubessem relatar a rarissima paciencia , com que pelo dilatado espaço de mais de 30. dias soffreo taõ penosa doença , sem dar o mais leve final de queixa , commum desafogo dos doentes. Quizera dignamente explicar os actos de verdadeiro arrependimento , e celestial amor , que fazia taõ continuamente , que eraõ as palavras , que mais se lhe ouviaõ. Dese-

jára finalmente descrever aquella Catholica resignaçãõ, com que esperava a formidavel batalha, em que vence a morte a todos os nascidos; porèm ao meu defeito supriroã as Cartas dos Religiosos da Companhia de JESUS, nas quaes naõ duvidarãõ confessar, que D. Francisco Mascarenhas na sua prolongada doença lhes dera de virtude hum singularissimo exemplo; attestaçãõ digna do mayor credito por ser de huns Varoens, em quem as virtudes saõ taõ familiares, como as letras. Crescia cada vez mais a malignidade do mal, fazendo sempre inuteis os remedios mais poderosos: já se descobriaõ fataes symptomas, tristes annuncios, que a todos firmemente persuadiaõ, que era chegado aquelle tempo, em que no Oriente teriaõ exercicio as lagrimas de todos os Portuguezes. Entrou logo D. Francisco a disporse para a viagem da verdadeira Patria com todos os Sacramentos daquella hora: fez o seu testamento, e nelle ordenou, que à sua alma se mandassem dizer muitas mil Missas, cujo numero cer-

to não sabemos, e que o seu corpo fosse enterrado aos pés de S. Francisco Xavier; unica occasião, em que mostrou, que estimava o seu corpo; o que tudo correria pela disposição do Padre Alexandre Cabral da Companhia de J E S U S, a quem deixava por seu Testamenteiro. Chegou finalmente aquelle ultimo, e apertado lance, e fixando os olhos em huma Crucificada Imagem do tremendissimo Juiz daquella hora, repetindo aquellas palavras: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*, principiou com a morte eternamente a viver, pelas quatro horas da tarde do dia 11. de Setembro de 1741. mez, que sendo reputado da antiguidade o dos *Fortes*, (1) com propriedade lhe tocava em attenção ao seu valor. Na Chronologia do mundo contava de idade 52. annos, e trinta dias, na das virtudes muitos seculos, da qual se deve fazer mayor recommendação por contar dos Varoens grandes a melhor vida. // Mandaraõ-se-lhe logo dizer as Mis-

P ii

fas,

(1) Vide Fuente no Diario Historico, tom. 9. no principio.

fas, que havia deixado, levando todas as que se poderaõ dizer de corpo presente a grande esmola de hum Pardão. A piedade dos Religiosos, que lhe assistiraõ, fez depois da sua morte hum novo argumento das suas virtudes, vendo que a serenidade do semblante mais inculcava sono, que morte, e admirando, que passadas algumas horas para o armarem Cavalleiro, lhe moviaõ as pessoas, que o vestiaõ, sem violencia alguma todos os membros: ainda os animava o espirito das virtudes!

No seguinte dia foy depositado na Igreja da Caza Professa dos mesmos Religiosos, onde com assistencia de todas as Jerarquias lhe fez a piedade Catholica os Officios, que prescreve a Igreja, e a milicia as ultimas honras, que pedia a grandeza do seu Posto. Acabadas todas as cerimoniaes o sepultaraõ na parte, que devotamente pedio, pondo-lhe na Campa em lugar de Epitafio a memoria de todos. Com occulto mysterio pedio para sepultura os pès de S. Francisco Xavier; era justo que lhe desse o

tumulo, quem antes lhe dera o berço: pelo patrocínio deste grande Apostolo adquirio D. Francisco Mascarenhas todas as virtudes, com que no mundo se fez admiravel, e sendo estas, como referimos, à maneira de hum purissimo rio, que a todos frutificava, era preciso, que buscassem o mar donde nasceraõ. No dia terceiro, setimo, decimo terceiro, e trigessimo se lhe fizeraõ tambem Officios, como no seu testamento havia determinado.

As lagrimas, que saõ das virtudes das grandes almas os melhores elogios, foraõ nesta occasiaõ univérſaes: huns choravaõ como pobres a falta de taõ grande esmoler, outros como vexados dos inimigos a morte de taõ valeroso defensor, em quem se firmavaõ as suas esperanças na segunda acção, que brevemente se determinava fazer contra o inimigo da Provincia do Norte, seguros de que a victoria havia pintar com o sangue dos inimigos outra copia do seu valor para indelevel memoria de todo o Oriente. En-

tre

tre todo este sentimento , distinguia-se o dos Soldados , humas vezes sentindo como filhos a perda de Pay , outras como militares a falta de Mestre ; obrigaçoens , que traziaõ à memoria naõ menos para o agradecimento , que para a saudade ; entre as sentidas vozes dos Portuguezes ouviaõ-se as alegres dos inimigos , considerando-se vencedores neste triunfo da morte.

Se nos progressos da vida deste Varraõ eminente attentamente reflectirmos , acharemos , que em muitas acçoens foy huma viva copia daquelle singular Portuguez , que nunca o mundo faberá dignamente honrar , o grande Vice-Rey da India D. Joaõ de Castro. Naõ offendo a grandeza de taõ raro Heroe , porque naõ he discredito a hum monte sublime ver comparada a sua eminencia com a altura de hum Gigante ; as semelhanças , que descubro nas vidas destes admiraveis Soldados naõ menos me obrigaõ , que desculpaõ a escrever este paralelo , que ha de fazer a copia mais estimada , o original

nal mais vivo. Em hum, e outro Varrãõ, quando mancebõs, se admiraraõ taes virtudes, que por ellas, mais que pelo fangue, já principiavaõ a ser respeitados com veneraçõens nobres, e plebeas: hum, e outro sendo filhos segundos de illustrifimos Pays cultivaraõ as letras constrangidos, abraçaraõ as armas voluntarios, influindo em ambos, ou a qualidade do fangue, ou a dos espiritos. A estes dous Soldados andando de Guarda Costa deveraõ os nossos mares verem se desassombrados dos Cossarios Africanos, hum captivando-os com o valor dos Castros, outro talvez afugentando-os com o nome de Mascarenhas. Dominava o coraçãõ de D. Joaõ de Castro huma independencia taõ heroica, que nunca pedio remuneraçãõ de serviços; conheceo-se em D. Francisco Mascarenhas tanto esta imitaçãõ, que já mais fez memorial para seu augmento; serviaõ ambos à gloria, naõ ao interesse. Quem considerando a D. Joaõ de Castro retirar-se à sua Quinta de Cintra; e cultivalla com huma nova a-

gri-

gricoltura, esquecido do valor, com que na Azia fizera respeitar não menos o nome da Patria, que o seu, não dirá que D. Francisco Mascarenhas imitára esta acção, quando depois de dar ao valor Portuguez huma nova gloria na victoria de Bardês, que o seu braço alcançára, se recolheo à Aldeya de Sancole, esquecendo-se do serviço, que fizera à Coroa, e fugindo aos agradecimentos, que todos lhe dedicavaõ? Quem lembrando-se, de que D. Joaõ de Castro não duvidou a hir para o Estado da India, como Capitaõ, depois de ter sido General de huma Armada, lhe não vem ao mesmo tempo à memoria a acção de Dom Francisco Mascarenhas aceitar hir à restauração da Provincia de Bardês no posto de Sargento mór de Batalha, quando era mais calificada a sua Patente? Quem negará a semelhança destes dous valerosos Soldados, vendo que as suas espadas foraõ os rayos mais formidaveis, que cahiraõ no Oriente, descarregando huma sobre o Reyno de Cambaya, e outra sobre a Provincia

cia

ELOGIO. 121

cia de Bardês com golpes taõ fataes , que a repetiçaõ delles , como naõ achava emprego , mais parecia effeito de paixãõ desordenada , que de justo castigo ? Quem admirando a compassiva acçaõ deste grande Vice-Rey , quando recebeo na sua Náo os doentes , que queriaõ lançar nas Ilhas de Cabo-Verde , e lendo neste Elogio , o que na viagem da India obrou a piedade de D. Francisco com os mesmos , naõ dirá , que o imitou , ou talvez , que o excedeo ? Quem reflectindo na caridade , com que D. Joaõ de Castro se houve com os seus Soldados enfermos , assim no mar , como na Ilha de Moçambique , não vê em ambas estas partes praticar D. Francisco Mascarenhas esta mesma virtude ? Na vida deste formidavel flagelo do Oriente se lê , que favorecia tanto aos Soldados disciplinados , que a hum só por lhe ver as armas limpas lhe mandou dar trinta Pardãos ; e de D. Francisco Mascarenhas se sabe , que dava a estes tanto , que pareciaõ seus herdeiros. // Hum , e outro para triumpho do espirito rebatiaõ as rebeldias do

corpo com as asperas disciplinas , sendo estas as mais preciosas alfayas , que ambos deixáraõ na sua morte. Hum, e outro apenas viaõ a Santissima Cruz , faziaõ huma reverencia taõ profunda , que a todos causava Catholica admiraçaõ. Em ambos se conheceo hum singular desprezo aos bens da terra , desprezando hum, como vís, as pedras preciosas do Oriente, e despendendo outro taõ largamente as suas rendas, e mostrando a ellas taõ pouca inclinaçaõ , que não parecia homem neste desprezo. Ultimamente para remate desta grande semelhança mereceraõ ambos de S. Francisco Xavier particular amor, ajudando a hum a espirar , a outro a nascer ; D. Joaõ de Castro morrendo em suas mãos, D. Francisco Mascarenhas sepultando-se a seus pès : e se o glorioso assumpto deste Elogio só nas acçoens militares naõ chegou a ter total semelhança com aquelle segundo Alexandre da India, foy porque a inveja da morte lhe atalhou os passos ; se esta lhe dilatasse os fios à vida, verse-hia D. Joaõ de

de Castro neste illustre Mascarenhas, igualmente, como nas mais acçoens, reproduzido no valor.

D. Francisco Xavier Mascarenhas, Varaõ grande por seu apellido, mayor por suas virtudes, foy na estatura proporcionado, na presença respectivo. A cor do rosto era trigueira, a testa dilatada, os olhos grandes, o nariz à proporçaõ, a barba preta, e a boca grande, e grossa. Logo de pequeno principiou a ser grande, praticando virtudes, que não soffrem os poucos annos. Cultivou as letras, e dos progressos, que fez nellas, deixou em Coimbra louvavel nome. Deixou estas pelas armas, ou fosse impulso natural, ou herdado de seus Ascendentes. Nesta vida pelo dilatado espaço de mais de vinte annos servio à Coroa por mar, e terra como verdadeiro Mascarenhas, ou se attenda ao zelo, ou à independencia. El-Rey D. Joaõ V. Principe grande entre os mayores em distinguir merecimentos, o premiou de tal

forte , que a Magestade ficou defonerada , os serviços fatisfeitos. Em o anno de 1740. commandando huma Esquadra , passou ao Estado da India , onde pelas acçoens militares refuscitou a memoria dos nossos Heroes ; entendo , que a sepultaria , se a inveja da morte lho não obstasse. No exercicio das virtudes deu sempre assumpto à admiração. Affligio o corpo com asperos cilicios , e disciplinas para conquistar como Soldado de Christo os muros da Celestial Cidade. Foy grande despresador de tudo , o que a vaidade inventou para o respeito ; conhecia , que para subir à eternidade são degrãos as virtudes , não a nobreza ; sabia que esta se senão humilha não tem lugar em hum Reyno , que he dos humildes. Pouco cultivou as conversações da Corte , porque só desejava fallar com Deos nos frequentes exercicios espirituaes , e quotidiana oração , que fazia. Foy affavel porgenio , e não por politica , estimando esta virtude (talvez com pouco sequito) como mayor realce da verdadeira nobreza : fazia deste mo-

modo, com que hum accidente fosse nelle substancia. Nunca faltou à verdade, nem ainda em materias levissimas; aborrecia este vicio taõ commum como mancha mayor do sangue illustre. Foy de inviolavel segredo, ainda em cousas de nenhuma consideraçã, sem que fosse necessario encomendarlho, porque alèm da circumstancia de proximo, tinha a de Cavalhero, que lhe dictava esta virtude. Na caridade foy remedio de muitos, exemplo de todos: venerava os pobres como Imagens de Christo, remediava-os como intercessores para a gloria. Os Soldados lhe deveraõ particular piedade, amando-os como filhos, favorecendo-os como companheiros: com estes, quando adoceraõ em grande numero na viagem para a India, praticou com fervor taõ novo a sua caridade, como se já soubesse, que em breve tempo o havia privar a morte de a exercitar; bastarà dizer, que para desempenhar nesta occasiã a sua piedade, deu a mayor parte do que possuia. Exercitou finalmente todas as virtudes Christaãs, fazendo-se

se nellas raro objecto de affombro, ou por serem grandes, ou naõ commuas na vida de Soldado, que seguia. Em Goa na Caza de S. Roque dos Religiosos da Companhia de JESUS, acabando a carreira da vida, entrou no circulo da eternidade. Jaz aos pès do segundo Apostolo do Oriente, como pedio, acrescentando naquella parte segundo thesouro. Aqui descansão taõ veneraveis cinzas com eterna faudade de todos os Portuguezes, que habitão os dous Emisferios Lusitanos, porque depois da morte entra o respeito a occupar o lugar, que na vida possuia a emulação. Estas grandes virtudes, que na posteridade haõ de ter mais Panegyristas, que imitadores, piamente nos persuadem, que terá este benemerito Soldado, conseguido eterna palma no Celestial Capitolio.

F I M.



